

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**



Evânia de Paula Muniz

**Ressignificando espaços em comunidades em busca de
uma educação ecológica**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-
Graduação em Design da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Félix da Costa

Rio de Janeiro
Abril de 2025.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**



Evânia de Paula Muniz

**Ressignificando espaços em comunidades em busca de
uma educação ecológica**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-
Graduação em Design da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Carlos Eduardo Félix da Costa

Orientador

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profa. Irene de Mendonça Peixoto

EBA/UFRJ

Profa. Rafaela Lins Travassos Sarinho

UERJ

Profa. Luiza Novais

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profa. Julieta Sobral

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Evânia de Paula Muniz

Doutoranda em Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com bolsa CAPES TAXAS. É mestra em Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM/RJ). Especialista em Urbanismo Social pelo Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER/SP) e licenciada em Belas Artes pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Ficha Catalográfica

Muniz, Evânia de Paula

Ressignificando espaços em comunidades em busca de uma educação ecológica / Evânia de Paula Muniz; orientador: Carlos Eduardo Félix da Costa. – 2025.

110 f.: il. color.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2025.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Autocuidado. 3. Comunidade. 4. Ecologia. 5. Resignificação. 6. Sustentabilidade. I. Costa, Carlos Eduardo Félix da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD:700

Agradecimentos

A jornada para a construção desta tese foi marcada por aprendizados, desafios e trocas enriquecedoras. Muitas pessoas e instituições contribuíram, direta e indiretamente, para que este trabalho se tornasse realidade, e a cada uma delas expresso minha profunda gratidão.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me manter saudável e por me conceder força, sabedoria e fé para seguir adiante com otimismo e determinação.

À minha família, pelo amor e força que sempre me sustentou.

Ao meu orientador, Carlos Eduardo Félix da Costa, e aos professores da PUC-Rio, pelas valiosas reflexões e pelo incentivo constante ao pensamento crítico e inovador. A confiança depositada em meu trabalho foi fundamental para que eu pudesse avançar com segurança e convicção.

Aos colegas pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram com discussões, leituras e reflexões que enriqueceram minha visão e fortaleceram este trabalho.

À comunidade do Vidigal, que me recebeu com generosidade e me permitiu compartilhar e aprender com suas histórias, resistências e saberes. Cada diálogo, cada troca de experiência e cada intervenção realizada me ensinaram que a verdadeira transformação nasce da coletividade e do pertencimento.

Aos amigos e parceiros da ONG Horizonte, da Comunidade Recicla, da gestão aos professores e estudantes da Escola Municipal Tatiana Chagas Memória e da Rede Favela Sustentável, que caminharam comigo nesta trajetória, compartilhando ideias, sonhos e ações concretas para um mundo mais justo e sustentável.

Aos artistas, educadores, agricultores urbanos e agentes comunitários que, com suas práticas e conhecimentos, demonstraram que a arte, a educação e a permacultura são ferramentas poderosas de transformação social.

Sou grata à vida e a todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado, apoiando, incentivando e acreditando neste projeto. Que a pesquisa apresentada nesta tese possa inspirar novos caminhos e fortalecer ainda mais as iniciativas que buscam ressignificar espaços e cultivar esperança.

Por fim, expresso minha gratidão à PUC-Rio pelo suporte acadêmico e institucional ao longo desta jornada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Muniz, Evânia de Paula; da Costa, Carlos Eduardo Félix. **Ressignificando espaços em comunidades em busca de uma educação ecológica.** Rio de Janeiro, 2025, 110p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Atravessamos um período de insegurança, mudanças e incertezas, no qual precisamos mais do nunca voltarmos a atenção ao bem-estar individual e coletivo, para lidarmos com as consequências dos últimos anos de pandemia e o agravamento de crises no campo climático, social e político. Para tanto, a pesquisa aqui documentada investiu na resignificação de espaços ociosos em áreas periféricas, tendo como campo a comunidade do Vidigal e a experiência docente numa escola municipal da Zona Oeste, ambas no Rio de Janeiro. Através da produção de hortas, jardins, áreas de convivência e práticas pedagógicas ecológicas, levamos aos moradores destas localidades segurança alimentar, autocuidado e atividades de lazer. Tais transformações oportunizou às famílias que tivessem outras opções nutricionais em seu cotidiano, o contato com aprendizados ancestrais, além do aprofundamento de laços afetivos com seus territórios. Saberes latentes nas comunidades, mas que não são postos em prática devido ao modo de vida acelerado e agressivo que a cidade impõe. Buscamos apoio em autores como o biólogo Edward Wilson e sua obra *Biofilia* (1984) e Yi-Fu Tuan com *Espaço e lugar* (1983) para pensar as relações entre sujeito e natureza; vozes de pesquisadores da PUC-Rio colaboraram com a premissa do *design em parceria*, cujo foco é a horizontalidade e o fazer “com” para uma construção real e eficaz; no campo da sustentabilidade, trouxemos Ezio Manzini com *Design para a inovação social e sustentabilidade* (2008), que nos apoiou quanto à resignificação de espaços e bem-estar comunitário; Alberto Acosta, com *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (2016), e Victor Papanek em *Design para o mundo real* (2014[1971]) como estimuladores desse discurso. Com esses autores, dialogamos sobre um viver focado em inclusão, sustentabilidade e renovação.

Palavras-chave

Autocuidado; comunidade; ecologia; resignificação; sustentabilidade.

Abstract

Muniz, Evânia de Paula; da Costa, Carlos Eduardo Félix. **Redefining spaces in communities in search of ecological education.** Rio de Janeiro, 2025, 110p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

We are going through a period of insecurity, change and uncertainty, in which we need more than ever to focus on individual and collective well-being, to deal with the consequences of the recent years of pandemic and the worsening of crises in the climate, social and political fields. To this end, this research invested in the resignification of idle spaces in peripheral areas, using as a field the community of Vidigal and the teaching experience in a municipal school in the West Zone, both in Rio de Janeiro. Through the production of vegetable gardens, gardens, living areas and ecological pedagogical practices, we brought food security, self-care, and leisure activities to the residents of these locations. These transformations gave families opportunities to have other nutritional options in their daily lives, contact with ancestral learning, in addition to deepening emotional ties with their territories. Latent knowledge in the communities, but which is not put into practice due to the accelerated and aggressive way of life that the city imposes. We sought support from authors such as biologist Edward Wilson and his work *Biophilia* (1984) and Yi-Fu Tuan with *Space and place* (1983) to think about the relationships between subject and nature; voices of researchers from PUC-Rio collaborated with the premise of design in partnership, whose focus is horizontality and doing “with” for a real and effective construction; in the field of sustainability, we brought Ezio Manzini with *Design for social innovation and sustainability* (2008), who supported us in the redefinition of spaces and community well-being; also Alberto Acosta with *Good living: an opportunity to imagine other worlds* (2016), and Victor Papanek in *Design for the Real World* (1971) as stimulators of this entire discourse. With these authors we dialogue about a life focused on inclusion, sustainability, and renewal.

Keywords

Self-care; community; ecology; resignification; sustainability.

Sumário

1 Introdução	12
2 Biofilia: repensando a interação humano-ambiente	31
2.1 Medellín e Recife: exemplos do Sul Global	44
3 Uma jornada de pesquisa e ação: Vidigal/RJ	53
4 Uma jornada de pesquisa e ação: Escola Municipal Tatiana Chagas	
Memória e os desdobramentos artísticos pessoais	68
4.1 Expressões tangíveis, uma jornada de transformação	85
5 Considerações finais	93
6 Referências bibliográficas e bibliografia	100
7 Apêndice	107

Lista de figuras

Figura 1: Fotografia Jornal O GLOBO – (1980). Chamada show <i>Tijolo por tijolo</i> .	13
Figura 2: Fotografia Comunidade do Vidigal – (1980). Em destaque Foto da residência da pesquisadora na época.	14
Figuras 3 e 4: <i>Forte São Luís</i> , 2015 e <i>Em devaneio</i> , 2015. Salão Feminino - 50º Aniversário da Sociedade Brasileira de Belas Artes (2015).	16
Figura 5: Esquema explicativo da experiência humana.	33
Figura 6: Parque Sitiê /Vidigal/RJ.	36
Figura 7: Casa do Cassiano.	36
Figuras 8 e 9: Intervenção da Creche Parque do Arará/RJ e a equipe.	37
Figuras 10 e 11: Teto verde na residência de Cassiano.	37
Figura 12: Horta Comunitária Maré/RJ – Hélio Rodrigues.	38
Figura 13: Metrocable da Comuna 1.	45
Figura 14: Comuna 1: antes e depois. Retiro Quebrada La Carevieja, Medellín.	48
Figura 15: Comuna 2: antes e depois. Villa Del Socorro, Medellín.	49
Figura 16: Comuna 13. Pero da Rodovia San Juan/Medellin.	49
Figura 17: COMPAZ: Centro Comunitário da Paz. Santa Terezinha/Recife.	50
Figura 18: Objetivos Agenda ONU 2030.	50
Figuras 19 e 20: Mutirão para organização na ONG Horizonte, 2021. Rua Padre Ítalo Coelho 22. Vidigal/RJ.	57
Figuras 21 e 22: Encontro Horta em casa, 2021.	57
Figuras 23 e 24: Encontro Horta em casa, 2021.	57
Figuras 25 e 26: Encontro Horta em casa, 2021.	58
Figuras 27 e 28: Entrada da ONG Horizonte, 2021. Rua Padre Ítalo Coelho, 22. Vidigal/RJ.	58
Figuras 29 e 30: Varanda da ONG Horizonte (antes e depois), 2022. Rua Padre Ítalo Coelho, 22. Vidigal/RJ	59
Figuras 31 e 32: Entrada da ONG Horizonte antes da reforma, 2022.	59

Figuras 33 e 34: Salão principal da Horizonte antes da intervenção, 2022.	59
Figuras 35 e 36: Cozinha e sala de leitura após intervenção, 2022.	60
Figuras 37 e 38: Entrada após intervenção, 2022.	60
Figura 39: Inauguração do espaço após intervenções, 2022.	60
Figuras 40 e 41: Lixo retirado da encosta da Avenida Niemeyer, Vidigal/RJ (28/03/2022).	61
Figuras 42 e 43: Entrada Horta Comunitária Vidigal, 2023.	61
Figura 44: Doação de mudas, 2023.	62
Figuras 45 e 46: Distribuição de hortaliças e oficina de plantio.	62
Figuras 47 e 48: Escultura sementeira e oficina de plantio.	64
Figura 49: Horta Comunitária Vidigal – Bromeliário.	65
Figuras 50 e 51: Horta Comunitária Vidigal/RJ – maio/2023.	66
Figura 52: Recebendo turistas no local com o agente Paulo Cesar explicando o projeto.	66
Figuras 53 e 54: Escola Municipal Tatiana Chagas Memória.	68
Figura 55: Festa Junina. Turma 1901.	73
Figuras 56 e 57: Produção de mural. Turma 1704.	73
Figuras 58 e 59: Produção de mural no pátio. Turma 1901.	74
Figura 60: Pintura da porta da Sala 2, Turma EJA.	74
Figuras 61 e 62: Sinalização do terceiro andar. Turma 1901.	76
Figura 63: Rio dos Porcos, Jardim Maravilha. Turma 1702, agosto, 2023.	79
Figura 64: Nuvem de palavras – Turma 1702. Agosto, 2023.	79
Figuras 65 e 66: Dia da intervenção no caminho do Rio dos Porcos. Turma 1702. Agosto, 2023.	80
Figura 67: Dia da intervenção no caminho do Rio dos Porcos.	80
Figuras 68 e 69: Estacionamento da Escola – Turma EJA. Novembro, 2023.	82
Figuras 70 e 71: Exposição no pátio da Escola. Novembro, 2023.	82
Figuras 72 e 73: Exposição no pátio da Escola. Novembro, 2023.	83
Figuras 74 e 75: Estacionamento da Escola. Dezembro, 2023.	83
Figura 76: Jardineira hexágono – módulos de 30cm, 2021.	86
Figura 77: Escultura de Gaia, 2021.	87

Figura 78: Maquete <i>Os donos do morro</i> – 40x40cm, 2022.	88
Figura 79: <i>Poço das memórias</i> – 100x200cm, 2023.	89
Figura 80: <i>Cesto Tartaruga</i> , 2023.	90
Figuras 81 e 82: <i>Eu vejo flores em você</i> , 2023/2024.	91

1

Introdução

“O design opera dentro de um contexto de dupla racionalidade, unindo a racionalidade técnico-física-matemática com a racionalidade das ciências humanas”.

Maria Cecilia Loschiavo dos Santos (2021)

Prezado leitor, para o início deste trabalho tomo a liberdade de narrar minha história pessoal em primeira pessoa. Ao longo da escrita o tom acadêmico será introduzido. Esta escolha busca aproximá-lo do tema e de um passado íntimo. Cresci no Vidigal na década de 1970, vindo com minha família migrante de Campina Grande – Paraíba, em 17 fevereiro de 1975. Na época, meu tio, Elenito Pereira, já residia na comunidade e convidou meu pai Assendino de Paula a vir para o Rio de Janeiro, pois aqui teria oportunidades de trabalho.

Lembro-me que quando chegamos, poucas famílias, residiam, em barracos de madeira sem acesso a saneamento adequado, com ligações elétricas clandestinas e sem água encanada. Havia uma milícia local, que vendia pequenos lotes com casebres, enquanto o comércio de drogas crescia e se estabelecia na região. Presenciei jovens, adultos desempregados se envolverem com o tráfico, e destes, muito poucos chegaram a envelhecer. No entanto, mesmo diante de tantas necessidades, os moradores eram unidos e parceiros.

Aos domingos, era comum a realização de mutirões para tentar melhorar as condições das moradias. Quando as mães precisavam sair para resolver algum assunto, as vizinhas cuidavam dos filhos umas das outras. Com apenas dez anos, comecei a dar aulas. Após o ensino regular na escola, regressava para casa e passava as lições aos meus irmãos. Posteriormente, os filhos dos nossos vizinhos passaram a fazer parte das classes. Até adultos, que desejavam aprender a ler e escrever frequentavam os encontros. Além disso, outros moradores vinham até minha casa pedindo que eu escrevesse cartas para seus familiares que permaneciam no Nordeste. Por anos li e redigi cartas para moradores da comunidade.

No ano de 1977, por ordem do Governador Faria Lima, a pedido do prefeito Marcos Tamoio Lima, foram removidas 15 famílias do “314” (parte baixa do Vidigal) para uma área em Antares, na região de Santa Cruz, zona sem infraestrutura, transporte e distante do local de trabalho destas pessoas. Soubemos que essas remoções estavam previstas. A comunidade reagiu fortemente, sob a liderança de Armando Lima e Carlos Duque (Presidente e Vice-presidente da Associação dos Moradores da Vila do Vidigal) e obteve apoio da Pastoral de Favelas, do Colégio Stella Maris, da Arquidiocese e de juristas como o Dr. Bento Rubião. Os cantores locais, Marquinho, Marcão, Moacyr e Sérgio Ricardo, organizaram um show beneficente chamado *Tijolo por Tijolo*, que contou com a participação de Chico Buarque, Nana Caymmi, Toquinho, Gonzaguinha, entre outros (Figura 1). A partir deste momento, o Vidigal passou a ser reconhecido como uma comunidade de luta, que resistiu e começou a se reconstruir.



Figura 1: Fotografia Jornal O GLOBO – (1980). Chamada show *Tijolo por tijolo*.
 Fonte: Google Fotos. (<https://sergioricardo.com/ficha/1502/show-tijolo-por-tijolo?>)
 Acesso em: 14 jun. 2023.



Figura 2: Fotografia Comunidade do Vidigal – (1980). Em destaque Foto da residência da pesquisadora na época.

Fonte: Acervo pessoal.

Em 02 de julho de 1980, durante a primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil, a professora Maria Cristina Sá, que fazia parte da Pastoral de Favelas, incluiu o Vidigal no roteiro. Nessa época, eu tinha 13 anos e estudava no antigo ginásio na Escola Almirante Tamandaré. A diretora, Eneida Veloso Brasil, levou todos os alunos para receber o pontífice. Todo o percurso por onde o Papa iria passar foi reformado, e para que ele rezasse uma missa na favela foi construída uma capela, que se mantém preservada até os dias de hoje. O local recebeu sua benção e anel, que deveria ser vendido e o lucro convertido em melhorias para a localidade. Porém, a comunidade decidiu preservá-lo como um símbolo de sua história e resistência. A joia está guardada na arquidiocese do Rio de Janeiro, e uma réplica permanece na capela que recebeu o nome de São Francisco de Assis.

Conhecendo desde criança o cotidiano da área carente, aprendi que com a união podemos ir mais longe do que sozinhos. Ensino transmitido por meu pai, Assendino Simplício de Paula, que sempre esteve presente na comunidade e atuou na A.M.V.V (Associação de Moradores da Vila do Vidigal) como diretor e vice-presidente, respectivamente. Desde cedo participei como aluna de vários projetos ligados à associação. Serigrafia com o professor Tony Vieira, dança com a professora Sophie Tzitzichvili, que nos levou a fazer apresentações de jazz no teatro João Caetano, no Centro do Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhei como professora no Projeto Recriação, lecionando aulas de artesanato, organizando feiras para venda de produtos, como recreadora e educadora social.

Na prefeitura de César Maia ocorreu o primeiro Projeto Favela Bairro (1995/2000). Idealizado pelo arquiteto Luiz Paulo Conde, tinha o objetivo de oferecer recursos e infraestrutura urbanística às favelas da cidade. O Vidigal foi uma das contempladas com esse aporte. A comunidade recebeu contenção de encostas, água, luz e agentes municipais para detectar as necessidades da população. A A.M.V.V. tornou-se forte, recebendo ajuda de diversos setores, tanto público, quanto privado. A favela virou referência para o mundo.

Nos anos 2000, a organização criminosa que comandava o tráfico de drogas viu na associação uma ameaça e a desmantelou. Atualmente ela existe, mas segundo a pesquisa sob a influência do tráfico. Alguns dos diretores fundaram a ONG Horizonte, voltada para atividades culturais, esportivas, de lazer e de defesa de direitos sociais. Meu irmão, Evânio Pereira de Paula, e meu cunhado, Paulo Roberto Muniz, fizeram e fazem parte deste grupo.

Essa foi uma época de caos. Os traficantes haviam se organizado em hierarquias e “tomaram” o morro de fato. Recrutavam crianças, desrespeitavam os moradores, usavam drogas em lugares públicos, exibiam armas e impuseram suas regras. Muitos moradores abandonaram suas moradias, ou venderam a preço muito inferior ao que gastaram para construir, gerando um êxodo na favela. Minha família foi uma das que tomou esse rumo. Fomos morar em Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade.

Nesse local, em fevereiro de 2000 comecei a trabalhar com artesanato, decoração de festas e recreação. Em Pedra de Guaratiba havia poucos eventos, exceto a festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, e o Carnaval, que já foi considerado o melhor “de rua” da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Durante o período, o bairro ficava repleto de turistas, especialmente na orla e na Praça Dr. Raul Capello Barroso, o principal ponto de encontro da região. Neste espaço comecei a vender artesanatos diversos. Com o tempo, outras pessoas vieram trabalhar na área, e nos finais de semana, quando o movimento de turistas aumentava, cerca de trinta famílias trabalhavam no local.

Com todo esse movimento, a praça tornou-se um polo gastronômico. Isso chamou atenção dos poucos comerciantes locais, que se sentiam prejudicados por estarem com seus estabelecimentos vazios, enquanto ambulantes estavam com clientela. Esses comerciantes, insatisfeitos, acionaram a fiscalização para a remoção dos trabalhadores autônomos, o que estimulou a formação de uma Associação dos

Ambulantes da Praça do Rodo, que nos manteve no espaço. Organizamos vários eventos, como o Carnaval da Praça, festas juninas, celebrações para o Dia das Crianças e feiras de artesanato. Os lojistas perceberam que esses eventos eram positivos e uniram-se a nós, e, a partir daí, começamos a trabalhar juntos. Entretanto, com a chegada da milícia na região, se tornou mais difícil sustentar esse tipo de parceria em atuação.

Em 2011, para dar continuidade ao trabalho, formamos uma Associação Cultural e de lazer, cujo nome era “Para Todos”. Nesse espaço era oferecido colônia de férias, apoio aos estudos, capoeira, biblioteca, entre outras atividades. Neste mesmo ano, com os programas do Governo Federal, vi uma oportunidade de voltar a estudar para melhorar minha condição intelectual e financeira, então fiz o ENEM e consegui uma vaga na UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Foi uma época muito especial. Mudei-me para Seropédica e iniciei a Licenciatura em Belas Artes. Esse período foi enriquecedor; conheci pessoas incríveis, fiz amizades e expandi meus horizontes.

Em setembro de 2013, participei do *Segundo Salão de Artes Plásticas*, organizado pelo Forte de Copacabana, onde recebi uma menção honrosa pela pintura *Forte São Luís* e, em 2015, e no evento *50º aniversário da Sociedade Brasileira de Belas Artes*, no Salão Feminino, organizado pela curadora Therezinha Hillal, meu trabalho recebeu a grande paleta de bronze com a pintura *Em devaneio*.



Figuras 3 e 4: *Forte São Luís*, 2015 e *Em devaneio*, 2015. Salão Feminino - 50º Aniversário da Sociedade Brasileira de Belas Artes (2015).

Fonte: Acervo pessoal.

No final de 2020, participei do processo seletivo para o Doutorado na PUC-Rio para dar continuidade ao projeto de pesquisa que realizei no Curso de Especialização em Urbanismo Social no Insper/SP, coordenado pelo Professor Carlos Leite. Então, mesmo com tantos obstáculos e durante a pandemia, me senti motivada a ir além. Desde então, atuo como pesquisadora no programa de Pós-Graduação.

Voltando para o Vidigal, em 2010 ocorreu o segundo Favela Bairro. Nesta etapa de obras foi realizada a manutenção das modificações no primeiro ciclo e a implantação de serviços como: entrega de correspondência (serviços postais), coleta de lixo nos becos, aumento da pavimentação, titulação dos terrenos e abertura de um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). Parte da integração urbanística continha um programa de segurança baseado na criação de um policiamento implantado e integrado às comunidades, as UPPs. As “Unidades de Polícia Pacificadora” funcionaram conforme a proposta até 2018, quando foram descontinuadas, consequência de uma grave crise política e econômica no Estado do Rio de Janeiro.

Após anos de aparente prosperidade e realização de macro eventos mundiais, como os Jogos Pan Americanos, Copa do Mundo e a as Olimpíadas de 2016, escândalos de corrupção nacional derrubaram a cúpula do estado do Rio de Janeiro, ocasionando a prisão ou afastamento dos últimos 6 governadores (Anthony Garotinho, preso 5 vezes desde que saiu do cargo em 2002; Rosinha Garotinho, presa em novembro de 2017; Sérgio Cabral, preso em junho de 2017; Luís Fernando Pezão, preso em novembro de 2018; Moreira Franco preso em março de 2019 e Wilson Witzel preso em 2021 em um desdobramento da Operação Lava jato) [...] Todos os governadores eleitos do Rio de Janeiro que ainda estão vivos foram presos ou afastados. Nilo Batista e Benedita da Silva, Vice-governadores que ocuparam o cargo após a saída dos titulares, são os únicos que não respondem a processos judiciais (Poder360, 2020, n.p.)¹.

Este foi o último investimento urbanístico na região. Por quase duas décadas a favela cresceu, gentrificou-se e desenvolveu características que culminaram em novas precarizações. Devido a especulação imobiliária, muitos moradores passaram a adicionar pavimentos a suas casas, visando a alugá-las e ter mais uma fonte de renda. O Vidigal expandiu-se vertical e desordenadamente, agravando problemas como a circulação por becos e vielas, a ventilação das casas, a falta de áreas verdes

¹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/6-governadores-do-rio-foram-afastados-ou-presos-nos-ultimos-4-anos/>. Acesso em: 19 out. 2022.

e a insegurança estrutural das construções. Embora tenha ocorrido melhorias, a ausência de planejamento e cuidado resultou em uma piora na qualidade de vida.

É sabido que o Vidigal, assim como tantas outras comunidades carentes, expande-se continuamente, resultando em uma combinação de violências, precariedades e silenciamentos. O geógrafo Milton Santos, em *O preconceito* (1997), descreve essas condições como A lista da cidadania mutilada referindo-se às formas de existência plena que são negadas ou negligenciadas pela classe.

Poderíamos traçar a lista das cidadanias mutiladas neste país. Cidadania mutilada no trabalho, através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção. Cidadania mutilada na circulação. Esse fenômeno de ir e vir, que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população, cidadania mutilada na educação (Santos, 1997, p. 134).

Na ausência de políticas públicas nessas localidades invisibilizadas, surge a questão central que perpassa esta tese: conceber paradigmas de ressignificação através da ação conjunta entre a arte e o design que possam ser incorporadas em nosso cotidiano. Em *A necessidade da arte*, o escritor Ernst Fischer (1959) afirma que:

A arte é em si mesma uma realidade social. A sociedade tem necessidade do artista, supremo feiticeiro, e tem o direito de lhe impor a consciência da sua função social. Este direito nunca foi discutido em nenhuma sociedade crescente, ao contrário do que se passa numa sociedade decadente. A ambição do artista impregnado de ideias e da experiência do seu tempo foi sempre não apenas representar a realidade, mas também modelá-la (p. 55).

Jane Jacobs (2014), uma influente urbanista, conhecida por suas ideias revolucionárias sobre o planejamento urbano e o desenvolvimento das cidades complementa:

Precisamos da arte, tanto na organização das cidades quanto em outras esferas da vida, para ajudar a explicar a vida para nós, para mostrar-nos seus significados, esclarecer a interação entre a vida de cada um de nós e a vida ao nosso redor. Talvez precisemos mais da arte para nos assegurarmos de nossa humanidade (p. 249).

Como arte-educadora e urbanista social, minha responsabilidade envolve criar espaços sustentáveis que surjam das interações existenciais e ambientais das

peessoas com seu entorno. Dessa forma, este trabalho se debruçou na implementação de atividades coletivas para ocupação criativa em espaços ociosos ou institucionais que necessitem de ressignificação, especificamente na comunidade do Vidigal, Zona Sul do Rio de Janeiro e na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória, na Zona Oeste do Rio, ocorridas durante os anos de 2021 a 2024. Essas práticas incluíram hortas urbanas, jardinagem, oficinas de arte e lazer, contribuindo para um processo de sensibilização holística.

Ao transformar ambientes negligenciados em espaços educacionais, permitimos a aplicação de sistemas e tecnologias construtivas, que podem ser reproduzidos em várias escalas. Neste processo, adotamos uma abordagem de pesquisa qualitativa, incorporando os princípios do Design Social, Design Biofílico, Design Thinking e Design de Permacultura com as diretrizes da Art Based Research (ABR), que servem como eixo central da investigação, pontos que aprofundaremos ao longo desta Introdução.

No decorrer da história, nos tornamos consumidores exponencialmente vorazes. As formas de expansão do capitalismo nos permitiram empregar uma variedade cada vez maior de produtos, e nossa ânsia por mais nos fez colonizar e destruir terras e culturas até os confins do mundo. Exercemos esta prática de forma sistemática; industrializamos, não só os meios de produção e de trabalho, mas também nossa habilidade de extinguir recursos naturais, que hoje sabemos, não são infinitos.

Com o início da Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII, o rápido crescimento populacional e a globalização, associados ao uso excessivo de matérias-primas, desequilibraram o planeta Terra. Nunca se despendeu tanto, ao ponto de estudiosos afirmarem que adentramos numa nova era geológica. Saímos do Holoceno – época marcada pela integração das formas de vida e pelo equilíbrio climático, cuja origem se deu há cerca de 12 mil anos, e entramos no Antropoceno, era em que a Terra estava sob dominação humana. Segundo Wagner Costa Ribeiro (2015), professor da USP, em entrevista ao site *CN – Capital Natural*², há uma discussão sobre quando esse período começou: se foi no início das navegações, através do intercâmbio de materiais biológicos, na Revolução Industrial, com o uso

² RIBEIRO, W. C. A era do Antropoceno. [Entrevista concedida a] Marina Machado. *Capital Natural*, 16 de setembro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-FI>. Acesso em: 19 out. 2022.

intensivo dos combustíveis fósseis, ou já na sociedade de consumo, após a explosão do artefato nuclear e o pós-guerra.

A novidade no antropoceno é que a humanidade se transformou de uma força biológica em força geológica. Jamais nós havíamos como espécie e nenhuma espécie havia feito isso anteriormente, determinado o funcionamento do nosso sistema climático. Se continuarmos na rota atual, o horizonte até o final do século XXI é de um aumento de 4°C na temperatura média do planeta (Abramovay, 2015, n.p.).³

O aquecimento global pode ser analisado com base na Hipótese de Gaia, originalmente proposta pelo investigador britânico James E. Lovelock em 1972 como “Teoria de resposta da Terra”. Esta hipótese foi rejeitada pela maioria dos cientistas durante muitos anos devido à escala do impacto que causaria a “política de desenvolvimento”. Atualmente, muitos cientistas estão se vendo obrigados a aceitá-la.

De acordo com a Hipótese de Gaya, qualquer organismo que afete o ambiente de maneira negativa acabará por ser eliminado. Como o aquecimento global foi provocado pelo homem, está claro que corremos o risco de extinção. Até o fim do século, é provável que cerca de 80% da população humana desapareça. Os 20% restantes viverão no Ártico e em alguns poucos oásis em outros continentes, onde as temperaturas serão mais baixas e haverá um pouco de chuva. Na América Latina, por exemplo, esses refúgios vão se concentrar na Cordilheira dos Andes e em outras áreas elevadas. Canadá, Sibéria, Japão, Noruega e Suécia provavelmente continuarão habitáveis. A maioria das regiões tropicais, incluindo praticamente todo o território brasileiro, será demasiado quente e seco para ser habitada. O mesmo ocorreu na maior parte dos Estados Unidos, China, Austrália e Europa. Não será um mundo agradável, e as condições de sobrevivência no futuro serão muito difíceis. Essa é a vingança de Gaia, uma expressão que uso como metáfora, não como argumento científico (Lovelock, 2006, p. 20).

As encíclicas papais servem como pontos de referência e sugestões concretas para a transformação social, corroborando com Lovelock. *Laudato si* (Francisco, 2015), intitulado com o primeiro verso do poema de São Francisco de Assis, é um cântico de louvor da Natureza ao Senhor, sintetizando o pensamento do pontífice sobre o contexto ecológico global e propondo soluções para enfrentar os desafios do desenvolvimento responsável, com foco na vida na Terra e nas

³ ABRAMOVAY, R. A era do Antropoceno. [Entrevista concedida a] Marina Machado. Capital Natural, 16 de setembro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-FI>. Acesso em: 19 out. 2022.

comunidades humanas. O texto é um documento educacional, construído em torno da troca de saberes, com expressões de natureza pedagógica, voltadas para o viver em sociedade. A sensibilização estética está explicitamente presente na encíclica, na relação entre uma educação adequada e a preservação de um ambiente saudável.

Há preocupação com as mudanças necessárias por meio da educação ambiental em passagens como a de número 210: “É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida” (Francisco, 2015, p. 161). Ou 230: “Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (*Op. Cit.*, p. 173). E 213: “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros” (*Op. Cit.*, p. 162).

A importância de uma ecologia que pense a relação do humano com o todo, incluindo questões sociais, a natureza e o ambiente em que se vive, é fundamental. Precisamos de um modelo social baseado em valores éticos. Para pensar em um futuro plausível para nossa espécie, continuar no caminho atual é inviável e imoral. Em *O bem viver* (2016), Alberto Acosta acusa o modelo de exploração de recursos naturais e oferece caminhos para uma sociedade onde nós, seres humanos, sejamos uma promessa e não uma ameaça. Essa proposta é sustentada em uma convivência cidadã, baseada no conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.

O mundo precisa de mudanças profundas, radicais. Urge superar as visões simplistas que transformaram o economicismo em eixo da sociedade. Necessitamos de outras formas de organização social e novas práticas políticas. Para obtê-las, é imprescindível despertar a criatividade e consolidar o compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos e receitas caducas (Acosta, 2016, p. 21).

Acosta defende buscar o “Bem viver” tendo como base a economia solidária, que vem ganhando espaço em diversas partes do mundo. É importante gerar soluções alternativas para os problemas que o modelo de desenvolvimento atual não consegue resolver. Ele destaca a importância de valorizar a riqueza cultural, as tradições comunitárias e históricas na busca de uma refundação das instituições políticas e jurídicas. Esse movimento inclusivo aborda questões de

cunho ambiental, social, econômico e de governança, e acende as esperanças de que o desenvolvimento sustentável possa oferecer uma nova visão para o mundo.

O Sumak Kawsay das tradições indígenas se distancia de conceitos ocidentais que concebem o surgimento da vida política a partir de uma ruptura inicial ou da separação ontológica em relação à Natureza. Dito de outra maneira, o Bem Viver não concorda com o princípio da desnaturalização das realidades humanas como base do ordenamento político (...) a mudança do paradigma capitalista ao do Sumak Kawsay ou Bem Viver como alternativa ao desenvolvimento ainda não tem pontes, pautas ou processos que permitam a transição de um a outro. Ademais, os processos de mudança não são de curto prazo, mas de tempos e espaços longos (anos, décadas ou séculos) (Acosta, p. 77).

O modo como as sociedades modernas se organizaram gerou configurações urbanas inviáveis. A principal transformação pela qual passamos foi o deslocamento da população dos campos para as cidades. Para construção dos centros comerciais e áreas industriais, os territórios centrais passaram a incluir alojamentos para trabalhadores, que posteriormente se consolidaram e geraram bairros permanentes. Esses fatores nos estratificavam em classes, e produziram os níveis de desigualdade drásticos observados hoje entre os diferentes estratos sociais.

O modelo cívico brasileiro é herdado da escravidão, tanto o modelo cívico cultural como o modelo cívico político. A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marcou ainda hoje as relações sociais deste país. Mas é também um modelo cívico subordinado à economia, uma das desgraças deste país. Há países em que o modelo cívico corre emparelhado com a economia e em muitas manifestações da vida coletiva chamada 'inferiores'. Esse clima já existia antes, mas com a globalização ele se agrava e se adensa, daí esses constantes julgamentos de valor das pessoas em virtude de raça, sua origem e em relação aos imigrantes (Santos, 1996, p. 135).

Dentro da realidade carioca, se destaca o fenômeno das favelas. As classes mais desfavorecidas não têm acesso a direitos básicos e, frequentemente, não conseguem usufruir dos resultados de seu próprio trabalho, configurando uma exclusão que transcende a esfera econômica. Há direitos atávicos à vida humana que necessitam ser proporcionados para a maioria da população, tais como: moradia, alimentação, saúde, educação e contemplação.

Esta pesquisa não é ingênua a ponto de apresentar soluções globais para a construção de uma sociedade mais justa, no entanto, compreende que ações diretas em escala reduzida podem fazer uma diferença significativa para atenuar um cenário urbanístico precário. Para as camadas financeiramente mais favorecidas, o

acesso a serviços, moradias e experiências que proporcionam um cotidiano mais confortável é apenas uma questão de escolha. Já para as populações desassistidas, a falta de poder aquisitivo e a ausência da gestão pública criam vácuos, gerando “a cidade informal”, que utiliza a violência como elemento determinante para a instauração de estruturas de poder. Essas organizações constituem um estado paralelo, tornando as mudanças práticas, por menores que sejam, um desafio.

Para tanto, um de nossos pilares conceituais será a Biofilia, termo apresentado em 1964 pelo psicólogo e filósofo Erich Fromm, e ampliado em 1984 pelo biólogo Edward O. Wilson em seu livro intitulado *Biofilia* (1984). O autor professa a necessidade do ser humano de buscar conexão com a natureza. E quando isso não acontece, nos sentimos gravemente afetados, uma vez que temos uma ligação atávica com o meio ancestral, visto que nossa composição genética se estruturou em função de convivência com estes ambientes. Essa conexão com a natureza pode ser compreendida como uma condição primária e fundamental.

A manifestação mais reveladora do triplo critério ocorre nos princípios do paisagismo. Quando as pessoas estão confinadas a cidades lotadas ou terras sem características, elas fazem um esforço considerável para recriar um terreno intermediário, algo que pode ser provisoriamente chamado de Gestalt da savana. Em Pompeia, os romanos construíram jardins ao lado de quase todas as pousadas, restaurantes e residências particulares, a maioria possuindo os mesmos elementos básicos: árvores e arbustos artisticamente espaçados, canteiros de ervas e flores, piscinas, fontes e estatuária doméstica (Wilson, 1984, p. 123).

Nos últimos anos, universidades, grandes organizações e estudiosos, têm se empenhado em diagnosticar e expor os danos ambientais que o planeta vem enfrentando. No entanto, o desafio vai além: é necessário construir uma cultura ecológica, na qual o desenvolvimento se enquadre em um “Equilíbrio Ambiental”. Nesse contexto, o Design Biofílico é um conceito fundamentado nos estudos da Biofilia, propondo a inclusão de elementos naturais no ambiente construído. Este termo foi apresentado e amplamente divulgado pelo ecologista Stephen R. Kellert e a arquiteta Elisabeth F. Calabrese em 2015, no livro *The practice of Biophilic design*. O design biofílico se concentra na capacidade de projetar espaços que promovam o amor pela vida e o bem viver.

Além de incentivar e melhorar o contato entre as pessoas e a natureza no contexto urbano, o design biofílico visa minimizar impactos ambientais, adotando estratégias de preservação. Kellert & Wilson (1993) afirmam que existe uma

preferência humana por características vinculadas à configuração natural, o que contribui decisivamente para a sobrevivência da humanidade e promove a ideia de preservação. Logo, a essência do design biofílico propõe a criação de um habitat que se assemelha a um organismo vivo e equilibrado. A intenção final é ressignificar o local, inspirar um agrupamento social para uma cultura de empatia com a vida terrestre e ampliar a consciência de interdependência entre nós e o meio ambiente.

Para atuar com o Design Biofílico utilizaremos as abordagens do *Design em Parceria*, um termo cunhado pelos professores da PUC-Rio Ana Branco e Luiz Mendes Ripper. Esta abordagem se ancora nos princípios do *Design Social*, um conceito introduzido pelo designer e escritor Victor Papanek em seu livro *Design for Real World* (2014[1971]). Aplicada desde a década de 1980, a prática do Design em Parceria vem se desdobrando e se consolidando até os dias atuais. Tal prática enfatiza a colaboração e a inclusão, sendo amplamente utilizada em áreas como design de produtos, design de serviços e de interfaces. A premissa fundamental é a escuta ativa e o aproveitamento da bagagem de informações e experiências trazidas pelos participantes. Essas práticas, uma vez organizadas, configuram um método de projeto eficaz.

Outros professores de nossa instituição também aderiram a essa abordagem, criando uma cultura de design identificada com a PUC-Rio. A professora Rita Couto (2017), por exemplo, destaca que a escuta íntima e atenta durante o processo de envolvimento não só oferece mais dados para resolver o problema social em questão, mas também promove solidariedade e resulta em um diagnóstico mais acurado do desenho a ser proposto.

Em projetos realizados sob o enfoque do Design social propõe-se uma inovação que consiste em introduzir em praticamente todas as etapas do processo de projeto, que objetiva produtos práticos, a participação efetiva de elementos da população-alvo, ou seja, dos usuários do produto. Com esta postura, o Design social procura contornar a situação da população de usuários marginalizada em relação aos produtos a ela dirigidos e por ser esta atividade realizada em estreita relação com a população envolvida, tem-se oportunidade de descobrir temas autênticos e soluções apropriadas, sempre em consonância com os anseios e necessidades desta população (Couto, 2017, p. 34).

Ao colocar os usuários no centro do processo de design, surgem soluções que dificilmente seriam concebidas sem sua participação ativa. Nessa corrente, esta

investigação incorpora o Design Thinking⁴ – abordagem desenvolvida por David Kelley, professor da Universidade de Stanford e Tim Brown, CEO da IDEO. Inicialmente aplicada nas áreas de ciências e engenharia, essa metodologia é centrada no ser humano e busca resolver problemas de maneira criativa e colaborativa. Seu processo estruturado geralmente envolve etapas como pesquisa, ideação, seleção de ideias, prototipagem e testes, que podem variar conforme a natureza do projeto.

Portanto, compreender que essa escuta ativa é uma ação estratégica que o design pode oferecer na ampliação prática de bens e serviços é aplicar a tecnologia social nos projetos. Isso resulta em produtos que atendem aos três pilares do desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental.

Papanek (2014[1971]), enfatiza a importância de um fazer responsável e consciente. Ele argumenta que o design deve considerar não apenas a funcionalidade e estética dos produtos, mas também o impacto social e ambiental que eles geram. O campo deve estar a serviço da humanidade e não apenas do lucro e do consumo. O autor defende que o designer deve considerar questões sociais e políticas em todas as etapas do projeto, abrangendo o usuário, a sociedade e os impactos ecológicos. Produtos efêmeros, voltados apenas para o consumo e descarte, que desperdiçam recursos naturais, representam colateralidades de estratégias ilusórias e perigosas.

Existem profissões que são mais nocivas que o desenho industrial, mas pouquíssimas. E possivelmente existe apenas uma profissão que é mais desonesta. O design de publicidade, dedicado a convencer as pessoas a comprar coisas que não precisam com o dinheiro que não tem para impressionar as pessoas que não se importam, é talvez a especialidade mais falsa que existe hoje (Papanek, 2014[1971], p. 22).

Em sua obra *Design para um mundo complexo* (2012), o historiador de arte, Rafael Cardoso, mostra-se admirador da obra de Papanek, considerando seu livro como uma continuação do pensamento dele.

O profissional de design tende a permanecer em posição subordinada dentro do mercado de trabalho, quase sempre um mandado, quase nunca um mandante: mais

⁴ Embora o termo tenha ganhado uma imensa popularidade nos últimos anos, uma das primeiras vezes que o “Design Thinking” foi mencionado, foi no livro “Creative Engineering”, de John E. Arnold, publicado em 1959.

autômato que autônomo. Mesmo quando exerce a possibilidade de criar, ele raramente tem condição de decidir a serviço de que vai ser usada sua criação. É uma situação lamentável para um campo com potencial para sonhar tão mais alto (Cardoso, 2012, p. 132).

Segundo o autor, o designer deve possuir certos atributos ao criar: pensamento sistêmico, inventividade de linguagem, excelência na realização e acabamento, valor de mercado, responsabilidade ambiental e social. Em cada época, a sociedade enfrenta seus desafios, mas quem projeta deve estar comprometido com a ética e com a vontade de apresentar o melhor para a comunidade, levando em consideração suas complexidades.

Outro autor que se destaca com reflexões sobre estratégias para otimizar a produção consciente para a inovação social e sustentabilidade é Ezio Manzini. Em *Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*, Manzini (2008) enfatiza que o designer deve se tornar “parte da solução do problema”.

Os designers podem ter um papel muito especial e, esperamos, importante: mesmo não tendo meios para impor sua própria visão aos outros, possuem, porém, os instrumentos para operar sobre a qualidade das coisas e sua aceitabilidade e, portanto, sobre a atração que novos cenários de bem-estar possam porventura exercer. Seu papel específico na transição que nos aguarda é oferecer novas soluções a problemas, sejam velhos ou novos, e propor seus cenários como tema em processos de discussão social, colaborando na construção de visões compartilhadas sobre futuros possíveis e sustentáveis (p. 16).

Quando o design falha em cumprir seu papel, o produto pode se tornar inútil ou até mesmo prejudicial. Infelizmente, muitos profissionais se submetem às demandas do mercado, criando produtos que atendem apenas a objetivos comerciais, sem considerar os impactos sociais e ambientais de suas criações. Resgatando, no parágrafo 202 da Carta Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco enfatiza que, antes de ajustarmos nossos rumos, é essencial que a humanidade se transforme. Ele destaca a falta de consciência sobre nossa origem comum, nossa interdependência mútua e um futuro compartilhado. Essa consciência fundamental permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida regenerados. O Papa coloca a educação e a espiritualidade como paradigmas essenciais, ressaltando a urgência dessa transformação humana e a importância crucial dessa consciência.

202. Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração (Francisco, 2015, p. 63).

Como explanado até aqui, práticas que estimulem o contato com a natureza, promovam hábitos saudáveis, aproximem as pessoas umas das outras e ressignifiquem áreas abandonadas ou ociosas serão trabalhadas através da jardinagem e da agricultura.

A permacultura considera o que finalmente começamos a entender – que o homem é somente um componente da natureza, que está ligado aos outros elementos, e que a Terra é uma comunidade organicamente entrelaçada de plantas, animais e microrganismos, sustentando outras formas de vida. Sendo assim, as práticas de permacultura seguem estratégias que estabelecem a utilização e a produção sem desperdício, implementando sistemas produtivos interligados, mantendo a diversidade, a fertilidade e a estabilidade dos processos naturais (Mollison, 1998, p. 4).

A Implementação do cultivo urbano oferece uma solução multifacetada: ao trazer mais verde para o espaço, não apenas melhoramos a qualidade da alimentação e o clima local, mas também mitigamos os efeitos das doenças relacionadas à ansiedade. Tais atividades estão alinhadas com os princípios do Design Biofílico, e com a vasta experiência adquirida em outras disciplinas como educação, arte e design.

Portanto, o **tema** desta pesquisa é a ressignificação de espaços urbanos ociosos através de práticas ecológicas comunitárias, através da arte, design e permacultura, em busca de uma educação holística e inclusiva. Essa abordagem foi implementada tanto na comunidade do Vidigal, localizada na Zona Sul, quanto na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Assim, o **problema** de pesquisa reside na identificação de meios para melhorar a qualidade de vida dos moradores de periferias, através de ações acessíveis para organizações do terceiro setor, originadas dentro das próprias comunidades. Acreditamos que, ao enfrentar a mesma escassez de recursos que os

moradores – como um fator de potência e não apenas de carência – pode-se gerar resultados surpreendentes quando alinhados aos princípios do design.

As **questões norteadoras** que orientaram nossa abordagem foram: (i) É viável implementar as propostas do Design Biofílico para todos os espaços? (ii) Como abordar a questão da qualidade de vida diante dos desafios enfrentados pelos moradores de comunidades desassistidas? (iii) Como proporcionar a indivíduos de territórios periféricos uma existência mais conectada e a contemplação à natureza sem apoio de verbas governamentais?

Nosso **objetivo geral**: propor soluções que promovessem o sentimento de pertencimento e a autoestima por meio de atividades coletivas de ocupação e ressignificação de espaços ociosos ou marginalizados.

Como **objetivos específicos** elencamos:

1. Identificar e revisar literatura sobre iniciativas semelhantes em outras áreas urbanas carentes no Rio de Janeiro ou no Sul Global;
2. Atrair colaboradores dispostos a oferecer conhecimento ou recursos para as atividades pretendidas nos locais já mapeados;
3. Implementar interlocução com os moradores ou frequentadores dos locais, a fim de executar intervenções relevantes para os mesmos;
4. Implementar intervenções de fácil replicabilidade em comunidades com características semelhantes às estudadas;
5. Realizar experimentos práticos artísticos que entrecruzaram a subjetividade da pesquisadora com a do território investigado.

Essa pesquisa se caracterizou por uma **abordagem metodológica** exploratória, qualitativa, de pesquisa-ação e revisão bibliográfica. O campo ocorreu em (i) algumas residências da comunidade do Vidigal com voluntários; (ii) na sede da ONG Horizonte; (iii) em uma área de recuperação ambiental (Avenida Niemeyer S/N, Vidigal/RJ) e; (iv) em sala de aula na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória (Rua Pedro Osório, 360, Jardim Maravilha, Guaratiba/RJ). Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores locais e agentes que atuam na comunidade. Essas atividades ocorreram de acordo com as regras e permissões da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio. A

aprovação e uma cópia do termo de consentimento encontram-se no anexo desta tese.

Outra fonte metodológica relevante é a *Art Based Research* (ABR), um modo de investigação qualitativo que utiliza processos artísticos para compreender a subjetividade da experiência humana. O termo foi cunhado pela primeira vez por Elliot Eisner (1933-2014), professor de Arte e Educação na *Stanford Graduate School of Education*. A ABR é uma abordagem que combina os princípios das artes criativas com a prática da pesquisa em diferentes áreas de estudo, como Antropologia, Sociologia, Educação, Marketing e Pesquisa do Consumidor. Atualmente, a pesquisa baseada em arte é empregada em áreas como Saúde, Gestão, Ciências Sociais e Comportamentais, além do setor de tecnologia. Os autores Costa & Walther (2022) complementam:

A arte baseada em estudos científicos tem, até o momento, oferecido uma compreensão multissensorial, multifacetada, discursiva, experiencial e subjetiva de um problema investigado, não apenas aos pesquisadores, mas também aos participantes do trabalho de campo e aos visitantes de mostras de arte, em razão do diálogo Co criativo que se estabelece entre eles (p. 3).

A **relevância da proposta** reside no modo como buscamos envolver os moradores nos encontros realizados em espaços ociosos, incentivando a observação do ambiente ao redor, a valorização local e a busca por soluções sustentáveis. Por meio de ações práticas, como revitalização de áreas verdes, implementação de hortas comunitárias e promoção de eventos culturais e educativos, despertamos nos participantes o senso de pertencimento e o cuidado com o ambiente compartilhado, contribuindo para uma sociedade mais sustentável.

Esta tese está dividida em seis partes. Na *Introdução* foram descritas as motivações pessoais que impulsionaram a pesquisa, bem como a estrutura metodológica adotada. O capítulo 2, *Biofilia: repensando a interação humana-ambiente*, convida à reflexão sobre o afastamento da natureza promovido pelo estilo de vida urbano, que aos poucos vem transformando o ser humano em ser sintético, sem interação com a natureza. Essa desconexão resultou em perdas identitárias, que buscamos compreender e mitigar por meio de perspectivas de diversos autores. Neste capítulo, mergulhamos nas ideias de Victor Papanek (2014[1971]), Yi-Fu Tuan (1983), Edward Wilson (1984), Alberto Acosta (2016), Stephen Kellert & Elisabeth Calabrese (2015), entre outros, que discutem propostas para o Bem Viver.

Além disso, destacamos iniciativas de mobilização comunitária em periferias que, ao revitalizarem seus territórios, restauraram a conexão com o ambiente natural e fortaleceram o senso de pertencimento.

No capítulo 3, intitulado *Uma jornada de pesquisa e ação: Vidigal/RJ*, a autora compartilha sua experiência ao retornar à sua comunidade para desenvolver intervenções sociais baseadas no “Design biofílico”. A proposta integrou arte, design e horticultura como instrumentos de transformação social. A metodologia utilizada foi o Design Social, fundamentado na escuta ativa e na adaptação das ações às demandas locais. Além das intervenções ambientais, foram realizadas oficinas de arte e educação ambiental. Além dos autores de referência, incorporamos também reflexões de Clifford Geertz (1989), Fernanda Pernes (2019), Ailton Krenak (2020).

No capítulo 4, com o título: *Uma jornada de pesquisa e ação: Escola Municipal Tatiana Chagas Memória e os desdobramentos artísticos pessoais*, a autora convida o leitor a acompanhar sua jornada como professora pesquisadora em Design, que com autonomia pedagógica, propôs uma abordagem centrada na relação entre o indivíduo e o espaço. Inspirada por pensadores – como Paulo Freire (1967), Antônio Bispo (2023) e Jorge Larrosa (2002) – transformou a escola em um laboratório vivo de expressão e ressignificação. Também serão apresentadas as obras artísticas desenvolvidas durante o período do doutoramento.

Nas *Considerações finais*, apresentamos uma reflexão sobre os avanços e desafios enfrentados ao longo de quatro anos de estudo e prática. A pesquisa foi desenvolvida em um contexto marcado pela pandemia de COVID-19 e por retrocessos políticos, o que tornou o trabalho desafiador, mas também mais relevante. A tese argumenta que a ressignificação dos espaços urbanos vai além da transformação física, representando um processo simbólico e social que fortalece vínculos comunitários, promove inclusão e aponta para um futuro de biointeração.

2

Biofilia: repensando a interação humano-ambiente

Iniciamos este capítulo trazendo a voz de Yi-Fu Tuan (1983) para abordar questões acerca do “espaço” e “lugar”. Em seguida, adentramos à temática do *Design Biofílico*, concepção que busca integrar aspectos da biodiversidade aos espaços construídos, a partir de premissas como a do “Bem viver”, que dizem respeito a um modo de vida sustentável e a biointeração.

A necessidade humana de contato com a natureza será destacada a partir de estudos como os do biólogo Edward Wilson, em seu livro *Biofilia* (1986), e dos autores citados brevemente na Introdução, Stephen Kellert & Elisabeth Calabrese, que cunharam o termo *Design Biofílico*, apontando para os benefícios da presença de vegetação, luz natural e materiais orgânicos nos espaços de convivência humanos, proporcionando conforto e bem-estar aos mesmos. A partir disso, apresentaremos experiências no contexto das comunidades periféricas, que buscam alternativas a partir do “Bem Viver”, promovendo uma ressignificação de espaços ociosos com a elaboração de jardins, hortas e hortos. Também trazemos contribuições dos autores Victor Papanek, Ezio Manzini e Rita Couto, pensadores baseados nas premissas do Design Social.

Dando início a discussão teórica, nos alinhamos ao pensamento de Yi-Fu Tuan (1983) sobre a vivência humana ancestral em sua relação como a experiência sensorial. Segundo o autor, os indivíduos que viveram em savanas se utilizaram amplamente dos sentidos para garantir a sobrevivência. Na medida em que precisavam estar constantemente atentos aos perigos do seu entorno, tal como a proximidade de um predador, eles recorriam aos sentidos para garantir sua segurança e permanência. O autor destaca que a experiência sensorial teve um papel fundamental no modo de vida desses atores, o que lhes permitiu perceber o ambiente ao seu redor, reagindo de acordo. Tuan (1983) ressalta a importância da formação de uma relação afetiva com o mundo, destacando que para se desenharem experiências mais convenientes, faz-se necessário desenvolver vínculos emocionais e cognitivos com as particularidades e com os seres vivos de um determinado

entorno. Nesse ciclo, o autor infere que a experiência do sujeito em um lugar pode ir além de uma mera observação objetiva, devendo ser enriquecida por aspectos como memórias, emoções, narrativas coletivas e pessoais, que em um movimento de entrelace, promove saídas para um determinado ecossistema de relações. Assim, os sons, os cheiros e as texturas também podem atuar ativamente, contribuindo para uma melhor percepção e compreensão dos ambientes.

A experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência [...] significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento, experienciar é vencer perigos [...] aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto [...] O indivíduo é compelido a isso. Está apaixonado, e a paixão é um símbolo de força mental (Tuan, 1983, pp.10-11).

Ainda segundo o autor, a experiência implica na capacidade de apreensão de vivências, circuito que passa por emergir, atuar, criar a partir de um intenso contato com as coisas. Isso porque, um dado nunca pode ser apreendido em sua “essência”: o que pode ser conhecido é uma certa realidade, que passa pela capacidade humana de ouvir e de criar ferramentas singulares, visando a responder a um determinado contexto e ambiente. Trata-se de uma adaptação, na medida em que a experiência nunca é a mesma para determinados grupos de indivíduos; depende da conexão que se faz entre elementos como emoção e pensamento no contexto do ambiente em que se está inserido. A figura a seguir apresenta o circuito elaborado por Tuan (1983), visando a exemplificar os movimentos do pensamento e da emoção no processo de imersão em uma determinada experiência.

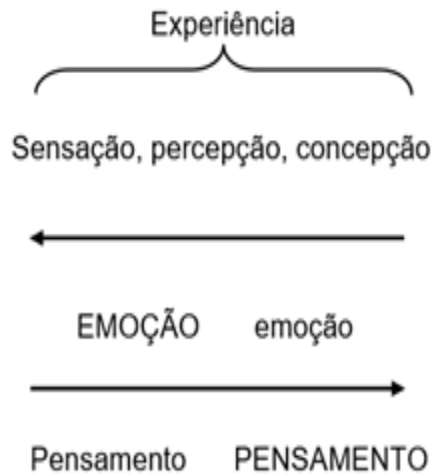


Figura 5: Esquema explicativo da experiência humana.

Fonte: Tuan (1983, p. 9).

Como demonstra o esquema, tendemos a privilegiar as emoções quando os processos racionais ainda não analisaram a experiência. O que significa que padrões culturais e civilizatórios ainda não atuaram. O que não significa que, onde há apenas elevados coeficientes de pensamento também não haja emoção, apenas que há compensações retrospectivas às experiências em si.

As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos de pensamento. Os matemáticos, por exemplo, afirmam que a expressão de seus teoremas é orientada por critérios estéticos, noções de elegância e simplicidade que respondem a uma necessidade humana. O pensamento dá colorido a toda experiência humana incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor. A sensação é rapidamente qualificada pelo pensamento em um tipo especial. A experiência está voltada para o mundo exterior (Tuan, 1983, p. 9).

Conforme atesta o geógrafo, na experiência humana é comum que os significados de *espaço* e *lugar* se entrelacem, gerando uma confusão conceitual (*Ibid.*). No entanto, é necessário compreender que esses termos possuem distinções significativas. Para Tuan (1983), o espaço deve ser entendido como uma entidade indiferenciada, enquanto o lugar emerge à medida que o conhecemos e o dotamos de valor. O espaço, em sua essência, refere-se a uma dimensão física e abstrata, trata-se de uma noção ampla e objetiva que abarca a extensão tridimensional que nos cerca. Já o lugar é neutro, carece de significado e valorização, mas caminha para a construção de vínculos. Dessa forma, as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma em relação à outra. Trata-se de um conceito relativo, moldado

pelas percepções subjetivas dos indivíduos, influenciado por fatores culturais, sociais e temporais. Para o autor, é através da percepção subjetiva que conseguimos dar sentido ao espaço, transformando-o em lugar.

O lugar é segurança, o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade, ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar ‘um sentido de lugar’. Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos (Tuan, 1983, p. 3).

Reconhecer a natureza dinâmica e relacional desses conceitos nos permite apreciar a complexidade e a riqueza das nossas interações com o mundo; aspectos que se encontram em confluência com os trabalhos de René Dubois⁵, pesquisador conhecido por suas pesquisas em microbiologia e imunologia que contribuíram significativamente para a cura da tuberculose. Entretanto, o que nos interessou em seus campos de estudo foi o fato de Dubois ter sido um defensor da ideia de que os seres humanos são intimamente conectados ao meio ambiente e que a saúde humana é influenciada por fatores do mesmo. O autor sugere a criação de espaços que estejam associados aos atributos do ecologicamente correto, do esteticamente satisfatório e do economicamente compensador, aspectos atrelados a um projetar com responsabilidade, o que localiza os humanos como agentes transformadores que podem engendrar processos de parceria com a natureza.

Também em convergência com essa corrente de pensamento encontra-se Edward O. Wilson, figura proeminente nos campos da Biologia e da Ecologia. Em sua obra *Biofilia*, publicada em 1986, o autor identifica uma inclinação do ser humano de aliar-se à natureza, ressaltando os benefícios de uma vida conectada, recaindo em vantagens não apenas para a saúde, mas para o bem-estar físico e mental. Wilson (1986) defende que a conexão com a natureza deve ser parte integrante de nossa existência, não devendo ser tomada como algo externo ou separado.

Os seres humanos sempre se adaptaram às forças naturais, mesmo em condições extremas. Nesse circuito, reconhecer a natureza dinâmica e relacional desse conceito permite uma apreciação da complexidade e riqueza das interações

⁵ René Dubois foi um microbiologista e ecologista francês-americano, nascido em 20 de fevereiro de 1901 e falecido em 20 de fevereiro de 1982.

(humano-natureza) presentes em nosso entorno. Mas, o que se percebe é que, diferente dessas correntes que clamam por uma conexão com o “natural”, a sociedade nos termos atuais encontra-se marcada por fatores interligados a produção desenfreada de bens de consumo, bem como ao precário crescimento dos grandes centros urbanos, que se desenvolvem sem um planejamento adequado. Infere-se que a sociedade contemporânea, movida por um desejo incessante de gratificações rápidas e imediatas, tem gerado uma série de consequências indesejadas para as populações que habitam os grandes centros. Trata-se de um modelo de cidade em contínua desconexão com a natureza, que traz consequências negativas para uma vida saudável. Nesses termos, somos convidados a adotar uma abordagem mais equilibrada que visa a desenvolver hábitos saudáveis que estimulem a qualidade, não mais a quantidade.

É com essas lentes que Wilson (1986) toma a Biofilia, noção que aponta para o pleno funcionamento e equilíbrio do ser humano. Urge, então, a necessidade de se discutir a importância da criação de ambientes urbanos mais amigáveis, de modo que possamos integrar a biofilia ao nosso cotidiano. Assim, inferimos que as ferramentas conceituais atreladas ao Design Biofílico podem proporcionar ambientes mais saudáveis e inspiradores para as pessoas que têm pouco acesso a áreas verdes e ambientes naturais. Ao promover, não apenas emoções positivas, mas uma melhoria na qualidade de vida de comunidades, esse saber desponta uma consciência acerca da importância da conservação de recursos, trazendo aspectos da natureza para o ambiente construído.

Como exemplo dessa conexão trazemos o caso do Parque Sitiê (Figura 6), situado no morro do Vidigal/RJ. O local, que outrora fora um depósito de lixo, foi remodelado e hoje abriga uma reserva ecológica, criada sob iniciativa do ambientalista Mauro Quintanilha. O local, inicialmente, contou com o auxílio de muitas instituições para o processo de revitalização, porém não houve um projeto de continuidade. A reserva encontra-se sob os pequenos cuidados da ex-esposa de seu fundador, necessitando de intervenções. Ainda assim, desempenha um papel simbólico significativo na região e serviu, em certa medida, como inspiração para essa pesquisa, sobretudo como modelo de mobilização social.



Figura 6: Parque Sitiê /Vidigal/RJ.

Fonte: Acervo pessoal.

Um outro exemplo relevante é o Teto Verde, implementado na comunidade do Parque Arará/RJ (Figura 7), uma área periférica que se localiza às margens da Avenida Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. O projeto nasceu quando um dos moradores locais, o ambientalista e artista plástico Luiz Cassiano Silva, implementou um “teto verde” em sua residência, na tentativa de diminuir o calor em sua moradia. A ação gerou uma significativa queda na temperatura interna de sua residência, com uma diminuição de cerca de 30%. A iniciativa desembocou em uma série de palestras e oficinas que visavam a difusão e a implementação da ação em diversas áreas da cidade, todas realizadas pelo próprio Cassiano.

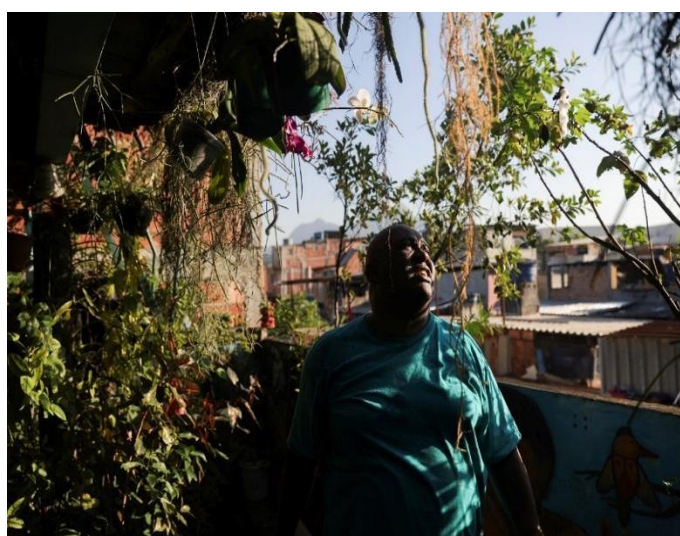


Figura 7: Casa do Cassiano.

Fonte: Luís Cassiano Silva.

Acompanhamos e participamos da implementação de uma de suas estruturas em parceria com a COMCAT⁶, associação que tem como objetivo a promoção de comunidades sustentáveis, desempenhando um papel relevante na transformação de seus membros em protagonistas locais, através da criação de redes de trocas de conhecimento. Fundada em 2000 pela ambientalista Theresa Williamson, a organização se destaca internacionalmente por criar e difundir ferramentas que transformam o ambiente. A intervenção ocorreu na Creche Parque do Arará em



Figuras 8 e 9: Intervenção da Creche Parque do Arará/RJ e a equipe.
Fonte: Luís Cassiano Silva.



Figuras 10 e 11: Teto verde na residência de Cassiano.
Fonte: Luís Cassiano Silva.

Outro projeto que merece nossa atenção é a Horta Comunitária da Maré. Trata-se de um trabalho construído como alternativa ecológica, visando a melhores condições de bem-estar coletivo. Através de mutirões de limpeza e plantio de sementes nos espaços ociosos da comunidade, difundem-se saberes relacionados ao manuseio da terra, alimentação saudável e cuidado com o meio ambiente. O projeto é composto por uma equipe formada por 50 voluntários, que incluem moradores,

⁶ Disponível em <https://www.comcat.org>. Acesso em: 17 ago. 2023.

estudantes da PUC-Rio, ativista climáticos, membros de coletivos e instituições públicas e privadas.



Figura 12: Horta Comunitária Maré/RJ – Hélio Rodrigues.

Fonte:

Google (<https://mareonline.com.br/espacos-para-plantar-e-colher-na-mare/>)

Acesso em: 2023.

Os exemplos brevemente citados incluem estruturalmente nos ambientes construídos ciclos similares aos encontrados nos processos biológicos, tais como: reciclagem de nutrientes, regulação hidrológica, decomposição, polinização, entre outros fatores ecossistêmicos essenciais, produzindo, assim, recursos para que esses espaços se desenvolvam de maneira robusta e renovável. Kellert & Calabrese (2015) aprofundam:

O design biofílico busca ainda sustentar a produtividade, o funcionamento e a resiliência dos sistemas naturais ao longo do tempo. A alteração dos sistemas naturais ocorre inevitavelmente como resultado da grande construção de edifícios e do desenvolvimento. Além disso, todos os organismos biológicos transformam o ambiente natural no processo de habitá-lo. A questão não é se a mudança ecológica ocorre, mas sim se o resultado líquido ao longo do tempo será um ambiente natural mais produtivo e resiliente, medido por indicadores como níveis de diversidade biológica, biomassa, ciclagem de nutrientes, regulação hidrológica, decomposição, polinização e outros serviços ecossistêmicos essenciais. A aplicação do design biofílico pode alterar as condições ambientais de um edifício paisagem a curto prazo, deve apoiar uma comunidade natural ecologicamente robusta e sustentável (p. 8).

Estamos diante de premissas de projeto que visam a incorporação de elementos que buscam promover o bem-estar humano. Para garantir uma

implementação eficaz é essencial seguir certos princípios estabelecidos pelos autores acima, os listamos:

1. Conexão visual com a natureza: proporciona vistas para áreas naturais, como jardins, parques ou corpos d'água, tanto dentro quanto fora dos espaços construídos;
2. Presença de elementos naturais: incorporar materiais, texturas e cores da natureza nos projetos arquitetônicos e de design de interiores. Isso pode incluir o uso de madeira, pedra, plantas e outros elementos;
3. Integração de luz natural: maximizar a entrada de luz natural nos espaços através de janelas amplas, claraboias e outros recursos arquitetônicos;
4. Inclusão de vegetação e biodiversidade: cultivar plantas, jardins internos, paredes verdes ou até mesmo um ambiente aquático para promover a presença de elementos vivos e aumentar a biodiversidade do local;
5. Espaços de refúgio: criar áreas tranquilas e acolhedoras onde as pessoas possam se retirar para relaxar, descansar ou se conectar com a natureza. Esses espaços podem ser projetados também para proporcionar privacidade;
6. Estimulação sensorial: considerar a variedade de estímulos sensoriais que a natureza oferece, como o som da água corrente, aromas de vegetais ou a textura de materiais.

Reconhecemos que a percepção ambiental é um campo multidisciplinar, no qual conhecimentos e perspectivas de áreas como Geografia, Biologia e Design devem convergir para promover a lógica de um mundo conectado à natureza. Essa abordagem destaca a importância de se aliar ao design social, que envolve o usuário em todo o processo de criação. A conexão entre design biofílico e design social revela-se, portanto, proveitosa, permitindo uma experiência holística. O design desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de produtos e serviços, na medida em que procura desenhar soluções criativas e inovadoras. Na busca por atender as necessidades de um determinado contexto, este campo privilegia abordagens que visam a atender aos desafios que permeiam uma sociedade.

Nesse contexto, o profissional que trilha esse caminho deve estar atento às responsabilidades do criar e projetar, engendrando um ponto de vista humanista, elegendo as necessidades sociais em primeiro lugar, solucionando problemas locais,

políticos, ambientais, entre outros. Nessa medida, a abordagem do Design Social não se encontra voltada apenas ao que é considerado esteticamente agradável ou funcional, mas ao que é socialmente relevante e benéfico como um todo.

Este modo de projetar tem suas origens em grande parte nos escritos de Victor Papanek. Em *Design para um mundo real* (2014[1971]), o autor destaca a importância de uma prática responsável e consciente, concepção que toma a figura do designer como um ator fundamental, que visa a apresentar soluções que podem amenizar o crescimento populacional e a precarização dos espaços urbanos. Acreditamos serem esses desafios proeminentes na atualidade: lidar com a cidade formal e a cidade informal. Trata-se de dar especial atenção à periferia, espaço marginalizado, construído com muitas dores, violência e improvisos. Sabe-se que a falta de regulamentação no mercado imobiliário destes locais é um fator preponderante para a precarização dessas áreas.

Em algumas regiões, as leis e normas que vigoram podem ser pouco rigorosas ou mesmo insuficientes, o que possibilita que proprietários e locatários não operem eticamente, ignorando padrões de qualidade e segurança. Nesse contexto, faz-se necessário fazer do design um motor, engrenagem, agente transformador dessas e outras complexidades. Assim, pensamos que ouvir estes territórios pode propiciar uma melhora, criando soluções que não se baseiam na acumulação e no amontoamento. Esse caminho passa por apresentar soluções práticas para a realidade periférica, apresentando possibilidades em que o lucro não atue como fator preponderante. O design aparece aqui como um importante agente de transformação.

O design tem que ser uma ferramenta inovadora, altamente criativa e interdisciplinar que responda às verdadeiras necessidades da humanidade. Devemos ser mais orientados para a pesquisa e precisamos parar de desonrar a própria terra com projetos e estruturas mal projetadas (Papanek, 2014[1971], p. 34).

Seria muito lúcido, por exemplo, que as soluções de design seguissem os termos da *Carta da Terra*, relatório ético da Conferência do Meio Ambiente elaborado no Rio de Janeiro, em 1992. Uma proposta que aponta para uma sociedade pacífica, justa e sustentável. O documento propõe uma mudança de hábito para alcançar um futuro melhor e igual para todos os cidadãos do planeta. Rita Couto, professora da PUC-Rio que segue tais preceitos, dedica-se com afincos

à transformação do design, que, relacionando-se intimamente com o campo da educação, vem desenhando um impacto significativo nas práticas sociais aos quais se engaja. Assim, ela argumenta: “O Design social é uma prática profissional ética, baseada em direitos humanos, [...]. É sustentável por excelência e sua dimensão social só se realiza efetivamente quando guiada por estas questões” (Couto, 2017, p. 32).

Essa abordagem enfatiza a necessidade de uma parceria com diversos atores para a criação de melhores produtos e serviços: o que corrobora com Victor Papanek quando diz que projetar para desconhecidos pode resultar em peças sem aplicabilidade. Projetar em parceria significa envolvê-los no processo, obtendo detalhes ricos que apenas esses usuários podem fornecer. Nesses termos, o design social pode potencializar e complementar a missão proposta pelo design biofílico, proporcionando novas possibilidades para a vida humana.

Sabe-se que os espaços públicos são áreas de uso comum que pertencem a toda população; seu propósito é promover o bem-estar coletivo, oferecendo locais para encontros sociais, atividades culturais, recreação e acesso a serviços públicos. Esses espaços podem desempenhar um papel importante na promoção do aprendizado, oferecendo acesso a recursos educacionais, oportunidades de exploração e experiências de aprendizado – tanto informais, quanto formais. A urbanização correta é a ferramenta certa para trazer o encontro, o diálogo e as trocas: na periferia elas podem fazer a diferença para a construção de uma vida mais saudável.

O crescimento urbano, um fenômeno significativo nas últimas décadas, é impulsionado pela busca de melhores oportunidades e condições de vida. Esse processo está diretamente ligado ao fluxo migratório em direção às cidades, resultando na formação de assentamentos informais ou favelas. Compreende-se que grande parte da população passa mais tempo fora de casa, seja devido ao tamanho reduzido de suas residências, seja por responsabilidades com o trabalho e atividades de lazer. Nesse contexto, as moradias vêm se tornando, cada vez mais, apenas locais de repouso, enquanto a vida cotidiana se desenrola nos espaços públicos.

No entanto, essa dinâmica também expõe as pessoas a riscos, como a violência de diversas formas devido à falta de políticas públicas eficazes que atendam às suas necessidades reais. A carência de infraestrutura adequada e a

ausência de investimentos em serviços essenciais geram marginalização e exclusão social, agravando a vulnerabilidade dos moradores.

Além disso, a convivência cotidiana com o tráfico de drogas em cada esquina coloca os jovens periféricos em uma posição ainda mais delicada. Outras dinâmicas informais, como convites para integrar o crime organizado, acabam fazendo parte da realidade dessas áreas. Muitas vezes, sem alternativas, o jovem se vê seduzido pela ilegalidade, tornando-se refém do sistema, aprofundando ainda mais as desigualdades.

Assim, pensamos que o designer como criador, inovador, desenvolvedor de propostas, pode exercer um papel relevante num contexto de transformação. Ele pode se tornar um aliado na busca por soluções que promovam a inovação social e a sustentabilidade do ambiente. A transição para uma vida mais sustentável requer a colaboração de atores sociais que não incluam apenas os governos, empresas e sociedade civil, mas principalmente a população afetada. Em seu livro *Design para inovação social e sustentabilidade*, Ezio Manzini (2008), destaca o papel das comunidades na formação de redes e na busca por um futuro resiliente:

O termo inovação social refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar oportunidades. Tais inovações são guiadas mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado, geralmente emergindo através de processos organizacionais ‘de baixo para cima’ em vez daqueles ‘de cima para baixo’ (p. 61).

A pesquisa apontou que o êxito dos casos de sucesso apresentados se deve ao apoio técnico em confluência com a liderança local. Isso evidencia como um projeto bem estruturado e apoiado por *stakeholders*⁷ pode sustentar e favorecer o alinhamento das ideias, transformando algo inicialmente despretensioso, mas com potencial em uma tecnologia social de fácil replicabilidade.

Se queremos imaginar novos mundos, é essencial incorporar também premissas do consumo consciente e sustentável, baseando-se em um diálogo harmonioso entre homem e natureza – não mais homem *versus* natureza, mas de cooperação. A partir desta perspectiva, pode-se propor decisões que envolvam tanto direitos quanto deveres, incluindo a ideia de integrar a relação com a natureza entre

⁷ Na tradução livre do inglês para o português, *stakeholders* significa “partes interessadas”. No mundo corporativo, o conceito se aplica em qualquer indivíduo ou empresas que podem ser impactadas por um negócio.

os direitos mais fundamentais de uma população. Com essa mudança de enfoque, torna-se possível construir um hábito coletivo e equitativo nesses contextos, nos quais o design propicie as ferramentas necessárias ao desenvolvimento dessas comunidades.

Os designers podem ter um papel muito especial e, esperamos importante: mesmo não tendo meios para impor sua própria visão aos outros, possuem, porém, os instrumentos para operar sobre a qualidade das coisas e sua aceitabilidade, portanto, sobre a atração que novos cenários de bem-estar possam porventura exercer. Seu papel específico na transição que nos aguarda é oferecer novas soluções a problemas, sejam velhos ou novos, e propor seus cenários como tema em processos de discussão social, colaborando na construção de visões compartilhadas sobre futuros possíveis e sustentáveis (Manzini, 2008, p. 16).

Fomentando o diálogo e o aporte técnico e financeiro em comunidades, o design desenvolve oportunidades de transformação de forma criativa, gerando soluções para desafios complexos. Nesse processo, o design encontra a comunidade, dialoga, abre possibilidades, produz. Sabe-se que, apesar de todos os desafios que os moradores enfrentam, há ali uma forte capacidade de adaptação, o que demonstra a força e a determinação dessa população em propor diálogos e superar obstáculos. Manzini (2008) destaca o papel das comunidades na formação de redes e na busca por um futuro resiliente.

Comunidades criativas geram soluções capazes de responder a todas as perguntas. Perguntas que são tão corriqueiras quanto radicais. Perguntas que o sistema de produção e consumo dominante, apesar de sua oferta impressionante de produtos e serviços, é incapaz de responder e, sobretudo, de responder adequadamente do ponto de vista da sustentabilidade (p. 65).

A comunidade sabe o que precisa, mas carece das ferramentas necessárias para alcançar suas soluções. Os moradores têm um profundo entendimento dos problemas que enfrentam e das limitações que impedem de superá-los. Essas questões ressaltam a importância de um modelo de intervenção fundamentado na autonomia e na colaboração.

Neste caminho, podemos nos inspirar em Acosta (2016) que resgata o conceito de *Sumak Kawsay*, de origem quéchua, e propõe uma ruptura civilizatória calcada na utopia do bem viver. O autor aborda a ideia de reconstrução a partir de um pensamento comunitário, com ideias oriundas não apenas dos povos indígenas, mas também de outras partes do mundo. Esse conceito está fundamentado na busca

pela harmonia e interdependência entre os seres vivos e a natureza, buscando promover uma relação equilibrada e respeitosa com o meio ambiente. Além disso, valoriza as necessidades das comunidades, bem como seus conhecimentos tradicionais e formas de organização social. O autor afirma que nessa trajetória a única certeza é de que ela deve ser democrática desde o início, construída pela e para a sociedade. Nestes termos, conhecer e explorar os espaços públicos e interagir com as pessoas que frequentam esses lugares é contribuir para o fortalecimento do senso de coletividade e para a construção de uma sociedade mais coesa e solidária.

2.1 Medellín e Recife: exemplos do Sul Global

Retomando as referências de *espaço* e *lugar*, de Yi-Fu Tuan (1983), falamos sobre a experiência de apropriação dos ambientes, a partir dos sentidos. No desenho de um olhar sobre o dia a dia, vimos como o espaço físico pode gerar diferentes sensações entre as pessoas. Nesses termos, falar de um lugar significa engendrar percepções não apenas individuais, mas coletivas, que juntas podem desembocar em noções de identidade e pertencimento. Assim, pensamos que as paisagens construídas podem se transformar em ambientes pedagógicos, que inspiram a replicação de modelos assertivos em espaços negligenciados.

Como vimos, o design biofílico e o design social aparecem como ferramentas que visam a proporcionar um ambiente harmônico para quem os habita. Essas noções não dizem respeito apenas a plantação, falam também sobre comportamento, regeneração, processo e cuidado. Pensamos que obter o conhecimento e consciência acerca dessas premissas significa conectar-se de alguma forma à natureza, ativando uma transformação ao que está à sua volta. O seu espaço, a rua, a comunidade.

É um trabalho lento, demorado e que depende do engajamento da população. Sabemos da dificuldade de exercer estas atividades sem aportes financeiros contínuos de órgãos governamentais, mas acreditamos que os resultados micropolíticos demonstram grande potencial. Os saberes novos e tradicionais circulam na medida em que vínculos afetivos são criados, renovados ou reforçados. Essa é a missão de um design comprometido, um agente transformador de realidades. Mas há exemplos de intervenções em maior escala. Executadas em nível

urbanístico, cujas resultantes modificaram definitivamente a vida das populações. Os veremos a seguir.



Figura 13: Metrocable da Comuna 1. - Joran L.

Fonte: (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Metrocable_and_Comuna_1_in_Medell%C3%ADn_02.jpg). Acesso em 2003.

Segundo o arquiteto Alejandro Echeverri, em *Medellín reescreve seus bairros – Urbanismo Social 2004-2011* (2017), durante as décadas de 1980 e 1990, o narcotráfico dominou grande parte da cidade, intensificando a segregação social, especialmente nas “Comunas”⁸. Em 1991, Medellín se tornou a cidade mais violenta do mundo, com 381 mortes por 100.000 habitantes, totalizando quase 6.700 mortes, principalmente de jovens.

Medellín passou por uma incrível transformação urbana e social. Foi considerada uma das cidades mais violentas do mundo, mas hoje é uma referência em processos de inclusão e inovação social. Qualquer análise de Medellín, entretanto, deve ser realizada com cautela, pois seu processo de transformação está em seus primórdios e é definido por um contexto social de grande desigualdade. Medellín, que é a segunda cidade mais importante da Colômbia, tem 3,5 milhões de habitantes em sua região metropolitana. Está localizada em um vale, onde o rio Medellín corre por seus meios, e é cercado por montanhas. A sua geografia inclui um vasto número de ravinas, que descem de 2.200 metros acima do nível do mar nas partes mais altas das montanhas, localizado ao longo de ambas as margens do rio, até 1.400 metros no fundo do vale. A partir de 1950, quando 350 mil pessoas habitavam a cidade, ela experimentou uma explosão populacional que teve origem na migração de populações rurais deslocadas pela violência. Estes recém-chegados ocuparam duas encostas na parte norte do vale onde a cidade está localizada (Echeverri, 2017, p.

⁸ Bairros das encostas do norte da cidade.

38 – tradução nossa⁹).

Diversas iniciativas lideradas pela sociedade civil, setor privado e instituições buscaram soluções para a crise, promovendo o diálogo e a inclusão. No final dos anos 1990, surgiu o “Compromisso Cidadão”, um movimento cívico liderado pelo acadêmico Sérgio Fajardo e pelo escritor Alonso Salazar. Em 2003 Fajardo concorre às eleições municipais e sai vitorioso, assumindo o cargo de prefeito em janeiro de 2004, iniciando uma transformação urbana e social significativa que reescreveu a história de Medellín.

Como prefeito da cidade, liderou um processo entre os anos de 2004 e 2007 que reuniu líderes e especialistas de diferentes ideologias para efetuar uma mudança estrutural. Foi criado o “Projeto Urbano Integrado – PUI”. Com a ética como razão central na política e o objetivo de recuperar a confiança no poder público, o projeto envolveu a aproximação, comunicação e respostas aos setores excluídos, utilizando a transformação do espaço público como uma ferramenta estratégica para restaurar a confiança da população. O programa foi fundamentado em sete ideias principais:

1. Zonas em ação – Enquadramento: ser estratégico e seletivo na definição das Zonas em Ação para implementação dos Projetos Urbanos Integrados (PUIs);
2. Projetos Holísticos – Confluência: uma combinação dos programas estratégicos do governo, como educação e cultura, com o processo de construção de obras de arquitetura e urbanismo em diversas escalas;
3. Projetos de conexão – União: integração das comunidades e seus bairros à cidade formal;
4. Cidade Transparente – Visibilidade: tornar visíveis as propostas e agenda do governo;

⁹ Text original: Medellín has gone through an incredible urban and social transformation over the past fifteen years. It was considered one of the most violent cities in the world but is now a reference regarding inclusion and social innovation processes. Any analysis of Medellín, however, should be carried out with caution since its transformation process is in its beginnings and is defined by a social context of great inequality. Medellín, which is Colombia's second most important city, has 3.5 million inhabitants in its metropolitan area. It is in a valley, with the Medellín River running through its middle, and is surrounded by mountains. Its geography includes a vast number of ravines, which run down from 2,200 meters above sea level at the uppermost parts of the mountains, located along both sides of the river, to 1,400 meters at the bottom of the valley. Starting in 1950, when 350,000 people inhabited the city, it experienced explosive population growth that originated in the migration of rural populations displaced by violence. These newcomers occupied two hillsides in the northern part of the valley in which the city is located.

5. Dignidade Social – Qualidade: o governo buscou elevar a qualidade das equipes internas de projeto, além de promover uma cultura de convocatórias e concursos públicos de arquitetura e urbanismo para suas obras mais representativas;
6. A pele do bairro – Proximidade: a recuperação dos espaços públicos proporcionou à população de Medellín oportunidades de encontro e valorização local;
7. Projeto dos processos – Cocriação: construção de espaços em parceria com grupos culturais locais e líderes comunitários. Para cada “Zona de Ação” foi definido um líder de grupo que organizou e representou a equipe de governo junto às comunidades locais.

A experiência recente do Urbanismo Social em Medellín traz muitas lições, a principal delas é que para transformar uma realidade é preciso mudar a narrativa comum de uma maneira que responda a uma crença coletiva que é compartilhada entre todos aqueles envolvidos. Outra é que quando os líderes de uma cidade apresentam uma ideia específica, eles devem desenvolvê-la com convicção e criatividade. No caso de Medellín, o ponto de inflexão foi a consolidação de uma posição ética e moral como resposta aos problemas endêmicos da cidade de exclusão e violência. Mas é evidente que os processos eficazes de transformação e inclusão ainda são muito frágeis e estarão sempre sob ameaça por duas razões. Uma delas é a descontinuidade política e a incerteza. A segunda surge da falta de distância que nos permite uma compreensão mais aprofundada, compreender o que foi realizado no contexto complexo e dinâmico da nossa cidade (Echeverri, 2017, p. 53 – tradução nossa¹⁰).

Todo esse empenho em transformar Medellín em uma referência em Urbanismo Social faz da cidade uma fonte de inspiração e um modelo a ser seguido mundialmente. Os moradores, que antes se viam diante do medo devido às disputas de gangues e carteis de drogas, agora vivenciam um novo cenário com as ações governamentais e as propostas urbanísticas aplicadas. Onde o design desempenha

¹⁰ Text original: The recent experience of Social Urbanism in Medellín provides for many lessons, the main one being that to transform a reality, you need to change the common narrative in a manner that responds to a collective belief that is shared between all those involved. Another is that when the leaders of a city come up with a focused idea, they should develop it with conviction and creativity. In Medellín's case, the tipping point was the gelling of an ethical and moral position as an answer to the city's endemic problems of exclusion and violence. But effective processes of transformation and inclusion are still very fragile and will always be under threat for two reasons. One is political discontinuity and uncertainty. The second arises from the lack of distance that allows us to understand more thoroughly what has been accomplished in the complex and dynamic context of our city.

um papel educativo, a população experimenta uma realidade transformada (Figuras 14 e 15). Segundo Fajardo, “O melhor para o mais pobre”¹¹.



Figura 14: Comuna 1: antes e depois. Retiro Quebrada La Carevieja, Medellín.

Fonte: Secretaria do Meio Ambiente de Medellín.

(<https://www.archdaily.com.br/br/866885/130-lixoes-de-medellin-sao-transformados-em-jardins-publicos>). Acesso em 2023.

¹¹ Echeverri em palestra no Insper, em outubro de 2021. Anotação pessoal.



Figura 15: Comuna 2: antes e depois. Villa Del Socorro, Medellín.

Fonte: Secretaria do Meio Ambiente de Medellín.

(<https://www.archdaily.com.br/br/866885/130-lixoes-de-medellin-sao-transformados-em-jardins-publicos>). Acesso em 2023.



Figura 16: Comuna 13. Pero da Rodovia San Juan/Medellin.

Fonte: Secretaria do Meio Ambiente de Medellín.

(<https://janelasabertas.com/2019/03/12/comuna-13/>). Acesso em 2023.

Inspirado por esse pensamento, o secretário de Segurança Urbana do Recife, Murilo Cavalcanti, criou o COMPAZ – Centro Comunitário da Paz (Figura 17).

Tanto na gestão do prefeito Geraldo Júlio quanto atualmente, o objetivo é atender à Agenda 2030 com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Os ODS¹² fazem parte de um plano global estabelecido pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2015, para enfrentar os principais desafios socioambientais do mundo. Possui um conjunto de 17 objetivos e 169 metas a serem alcançadas até o ano de 2030 (Figura 18).



Figura 17: COMPAZ: Centro Comunitário da Paz. Santa Terezinha/Recife.

Fonte: Disponível em: Google. (<https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/conheca-o-compaz-fabrica-de-cidadania-do-recife>). Acesso em: 2023.



Figura 18: Objetivos Agenda ONU 2030.

Fonte: brasil.un.org. (<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>) Acesso em: 2023

¹² Disponível em <https://www.pactoglobal.org.br/ods>. Acesso em: 17 ago. 2024.

Denominado como “Pacto pelas cidades mais justas”¹³, esta iniciativa é uma proposta ampla de parceria voltada para a revitalização de áreas negligenciadas. Seu objetivo primordial é combater as disparidades urbanas por meio de uma colaboração abrangente, envolvendo diversos atores, como o governo local, organizações da sociedade civil, instituições acadêmicas e o setor privado. A essência central desse pacto é adotar uma abordagem integrada e holística, inspirada no modelo de desenvolvimento urbano de Medellín, que aborda de forma simultânea questões sociais, econômicas e ambientais.

Objetivos Principais:

1. Viabilizar orçamento e obras de melhoria física: o pacto prioriza a alocação de recursos financeiros para a execução de obras que melhorem a infraestrutura dos espaços públicos em áreas carentes. Isso inclui a revitalização de parques, praças, calçadas, sistemas de saneamento e iluminação pública;
2. Consolidação de equipamentos e serviços: o fortalecimento de equipamentos comunitários, como centro de saúde, escolas, bibliotecas, centros culturais e esportivos. Esses espaços devem ser pontos de referência para as populações destas áreas;
3. Governança e novos modelos de gestão: a governança colaborativa envolvendo a criação de comitês locais de gestão que incluam representantes comunitários, autoridades municipais, ONGs e empresas privadas;
4. Replicabilidade e análise de impactos: um dos objetivos do pacto é a análise contínua dos impactos das intervenções realizadas, a fim de ajustar as estratégias conforme necessário.

A ideia é desenvolver um modelo de sucesso que possa ser replicado em outras cidades, adaptando-se às suas especificidades locais. Esse processo de replicabilidade é essencial para expandir os benefícios do pacto a uma escala mais ampla. O programa atualmente, está sendo implementado em territórios específicos

¹³Disponível em: Disponível em <https://fundacaotidesetubal.org.br/tag/pacto-pelas-cidades-justas/>
Acesso em: 19 out. 2022.

como o Parque Novo Mundo, Pinheirinho d'água e Jardim Lapenna. Carlos Leite, uma figura proeminente no campo do Urbanismo Social no Brasil, destaca a importância dos “Três P” – política pública e privada – que devem trabalhar em conjunto para alcançar resultados efetivos. Infelizmente, o “Pacto pelas cidades mais justas” ainda não foi implementado no Rio de Janeiro. Diante dessa lacuna, procuramos promover ações que, de fato, impactam o cotidiano dos moradores de nossas áreas de pesquisa. A mobilização da comunidade é fundamental, pois pode pressionar as autoridades a agirem de alguma forma. No entanto, a reação das autoridades nem sempre é previsível e pode variar dependendo do governo vigente. Essa resposta pode ser positiva ou negativa, mas é importante continuarmos buscando maneiras de promover mudanças e justiça social em nossa cidade.

No próximo capítulo, convido você a acompanhar minha jornada como pesquisadora, retornando à comunidade onde cresci para semear questionamentos. Proveniente de uma periferia do Rio de Janeiro, encontrei na *Biofilia* e na *Art Based Research* as ferramentas para reconectar as pessoas ao ambiente e estimular reflexão sobre sua relação com o meio em que vivem.

3

Uma jornada de pesquisa e ação: Vidigal/RJ

Como pesquisadora, proveniente de uma comunidade periférica no Rio de Janeiro, surgiu em mim o desejo de revisitar raízes e contribuir para a transformação de realidades análogas através da aplicação de conceitos do Design Biofílico e da disseminação de conhecimentos relacionados à arte e à horticultura. Aspiração nutrida no curso de Pós-graduação em Urbanismo Social durante a pandemia. Em concordância com a perspectiva de Clifford Geertz (1989), que considera o ser humano inextricavelmente vinculado a teias de significado que ele próprio constrói, essas ações tiveram como objetivo fiar uma tessitura que englobava não apenas a disseminação de conhecimento, mas também a promoção da retribuição. Poder regressar à comunidade que cresci e alterá-la positivamente de modo direto é um gesto de amor ao meio ambiente, ao próximo e senso de pertencimento. Descrevemos esse processo em diálogo com nossos autores ao longo deste capítulo.

Fui uma das 30 selecionadas no Curso de Pós-graduação em Urbanismo Social no Insper/SP, que teve início em outubro de 2020. O aprendizado foi de grande importância naquele momento, pois coincidiu com o início da pandemia da COVID-19, quando incertezas se espalharam globalmente. Naquele período, estávamos desesperançosos, ociosos e infelizes, mas surgiu essa oportunidade. O conteúdo foi de extrema relevância, abordando a experiência dos participantes com territórios negligenciados, entre outros *stakeholders*. Fui levada a refletir sobre minha origem, o momento e como poderia contribuir com aquele território, cujo distanciamento já somava nove anos. Essa jornada de autoconhecimento me impulsionou a dar continuidade ao projeto que apresentei ao Insper, levando a me inscrever no doutorado da PUC-Rio.

Já na pós-graduação decidi, inicialmente, fazer intervenções com hortas e artes na comunidade como uma forma de aproximação e de compartilhamento de conhecimento. A ideia era colorir para inspirar outras ações, enquanto me aproximava do Vidigal. Através da abordagem do Design Social, busquei conduzir reuniões que revitalizaram a moral de moradores, incentivando encontros que

resultaram em ações. Assim, ao organizar processos que tornaram o grupo mais animado, conseguimos aos poucos, transformar pontos da localidade, atraindo novos participantes e proporcionando meios de geração de renda, permitindo assim sua autossustentação.

Projetos dessa natureza podem ser implantados em localidades onde a necessidade ou o desejo de intervenção sejam preponderantes, representando uma resposta a carências específicas. Da mesma forma, tais projetos podem ser direcionados a áreas onde já existem iniciativas em curso, requerendo ajustes, otimizações ou melhorias com vistas a alcançar objetivos de maneira mais eficaz. Portanto, a amplitude e a profundidade da intervenção no design social são intrinsecamente relacionadas a um conjunto complexo de fatores a serem analisados e considerados no planejamento e execução de tais iniciativas.

A metodologia envolvia observação, escuta atenta, adaptação a situações específicas e implementação de soluções alinhadas com os anseios do grupo. Nos baseamos em entrevistas informais semiestruturadas conduzidas no ambiente onde os serviços foram realizados. A partir de três perguntas disparadoras e diretas era possível termos um diagnóstico das expectativas dos participantes:

1. Qual é a importância de ter uma horta em casa?
2. Que espaço deseja ressignificar em sua casa?
3. Que plantas deseja cultivar?

Essas indagações contribuem para um entendimento ligeiro dos anseios, enquanto prospectam a compreensão de necessidades e desejos mais profundos, mas sobretudo, mantinham todos em ação. Para a implementação das diferentes articulações de espaço propostas, havia gestos concretos por articular, o que, pela prática dos mutirões, sustentou o engajamento dos moradores, apesar da intermitência das atividades. Essas atividades consistem em jornadas de trabalho que se estendiam por todo o dia, englobando certas práticas: iniciavam-se com uma refeição matinal, seguida pela atribuição de tarefas, procedimentos de limpeza, organização do espaço e a execução de pequenas intervenções construtivas (Figuras 19 e 20), finalizando com almoço. Nas interações, de forma aparentemente despretensiosa, foi adotada uma estratégia de promoção de novos encontros, juntamente com a transmissão de informações relativas à relevância do elemento

verde no contexto, em contraposição a um cenário predominantemente caracterizado por uma arquitetura dura, precária e impermeável.

Particularmente, em abril de 2021, enfrentei perdas pessoais. Minha tia Maria Pereira, faleceu de câncer, minha amiga Valéria Araújo e meu professor Sandro Lopes, perderam suas vidas para o COVID-19. Pessoas jovens que estavam saudáveis, e uma semana depois, soubemos que haviam falecido. Fui infectada e em meio a essas adversidades, senti-me insegura. Os encontros do grupo de orientação com o professor Carlos Eduardo e as aulas do PPGDesign da PUC-Rio fortaleceram minhas convicções, enquanto os pesquisadores compartilhavam suas fragilidades e discutiam o futuro de seus trabalhos. Assim, mesmo nos momentos mais sombrios, encontrei progresso pessoal e fortaleci-me nas atitudes positivas que encontrei durante essa jornada.

Citando a famosa frase do Presidente Lula, quando foi eleito pela primeira vez, mas em um contexto diferente. “A esperança venceu o medo¹⁴”. Naquele momento eu morava em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e decidi voltar a morar no Vidigal, após nove anos afastada, para reconectar-me com a comunidade a ser pesquisada. Ao subir a comunidade, percebi que a pandemia parecia não existir ali. As pessoas seguiam suas rotinas, subindo e descendo pelas ruas, sem nenhuma medida protetiva, pois precisavam trabalhar. Pessoas próximas questionaram minha decisão, perguntando se eu havia enlouquecido por estar saindo de casa para uma pesquisa de campo durante a quarentena. No entanto, meu foco era a vida. Com todas as medidas de proteção adequadas necessárias, vivenciei a comunidade do Vidigal.

O regresso não foi fácil. Rememorei fases duras de minha vida, quando testemunhei famílias passando fome, desesperadas. Em 2021, o Manuel Bandeira de 1947 ainda continuava atual:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41584.shtml>

O bicho não era um cão,
 Não era um gato,
 Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

O bicho
Manuel Bandeira

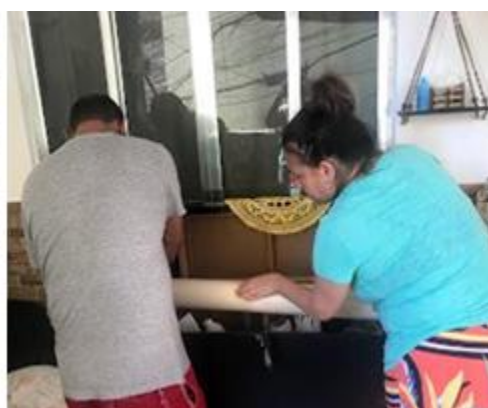
O primeiro encontro ocorreu dia 10 de agosto de 2021, na sede da ONG Horizonte, com a presença de mais de trinta pessoas, que inicialmente pensavam se tratar da distribuição de cestas básicas. Ao esclarecer que era uma oficina sobre hortas, muitos dos presentes foram embora. A maioria estava desempregada, precisando de auxílio para se alimentar. E a proposta era para um futuro. Eram tempos sombrios, de dores, dúvidas e pressa. O local era a antiga residência de Lúcia Santiago, ex-integrante da ONG, que durante a pandemia resolveu mudar-se para Minas Gerais. Os demais componentes decidiram alugá-la e converter em sede. Organizou-se jornadas com a participação de voluntários para melhorar o local, que se encontrava configurado em formato residencial. Constituimos três frentes de ação, simultaneamente: a revitalização da Horizonte, a oficina de hortas e o embelezamento da casa dos moradores.

A primeira visita à residência de uma das participantes ocorreu em 24 de agosto de 2021. Nesse encontro foi possível contribuir com terra, sementes e mudas. Os recipientes ficaram por conta da moradora. Foi plantado pimenta, manjerição e chicória (Figuras 21 e 22). O terceiro encontro ocorreu em 14 de setembro, no qual o participante optou por implementar uma “jardineira de proteção” na entrada de sua residência, com espadas de São Jorge. Quando utilizo a denominação acima entre aspas englobo também o aspecto simbólico da intervenção. Ao mesmo tempo que a jardineira oferece mais privacidade a casa, também plantou “firmeza”, termo nas religiões de matriz africana para um ato de amparo espiritual (Figuras 23 e 24). O quarto encontro aconteceu no dia 28 de setembro. Nos encaminhamos a moradia de outro participante e nela plantamos num vaso decorativo uma muda de singônio e um vaso com o sistema capilar de irrigação de reaproveitamento de garrafa pet e outro em que foram plantadas cebolinhas (Figuras 25 e 26).



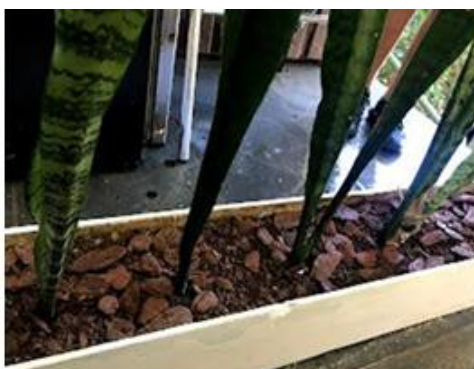
Figuras 19 e 20: Mutirão para organização na ONG Horizonte, 2021. Rua Padre Ítalo Coelho 22. Vidigal/RJ.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 21 e 22: Encontro Horta em casa, 2021.

Fonte: acervo pessoal



Figuras 23 e 24: Encontro Horta em casa, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 25 e 26: Encontro Horta em casa, 2021.

Fonte: Acervo pessoal.

Em 19 e 26 de outubro de 2021, começamos os trabalhos de revitalização da sede da ONG. Primeiramente instalamos um quadro de avisos com as atividades sociais e culturais que acontecem no local, como oficina de artes, aulas de capoeira, aulas de teatro e assessoria jurídica para retirada de documentos (Figuras 27 e 28).



Figuras 27 e 28: Entrada da ONG Horizonte, 2021. Rua Padre Ítalo Coelho, 22. Vidigal/RJ.

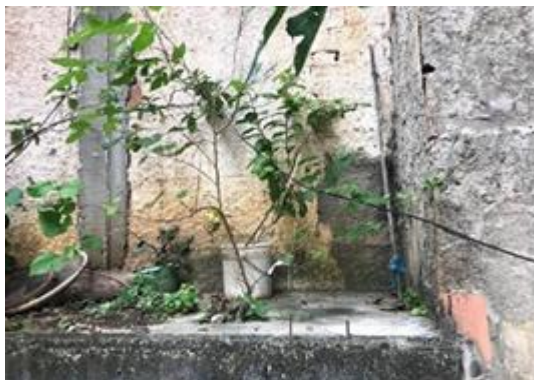
Fonte: acervo pessoal.

No mês seguinte, implementamos uma jardineira na entrada do imóvel para inspirar os frequentadores (Figuras 29 e 30). Durante o mês de março de 2022 fizemos melhorias mais expressivas. Ampliando cômodos e convertendo-os em espaços menos domésticos e mais aptos a atividades de convivência ou pedagógicas. Curioso como a ação produz resultados prospectos em lugares inesperados. Esse conjunto de gestos sutis aportou uma oportunidade surpreendente para a pesquisa, que veremos a seguir (Figuras 31 a 39).



Figuras 29 e 30: Varanda da ONG Horizonte (antes e depois), 2022. Rua Padre Ítalo Coelho, 22. Vidigal/RJ

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 31 e 32: Entrada da ONG Horizonte antes da reforma, 2022.

Fonte: acervo pessoal



Figuras 33 e 34: Salão principal da Horizonte antes da intervenção, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 35 e 36: Cozinha e sala de leitura após intervenção, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 37 e 38: Entrada após intervenção, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 39: Inauguração do espaço após intervenções, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.

Em abril de 2022, tivemos a oportunidade de participar do Projeto “Comunidade Recicla”, a convite do coordenador José Antônio do Nascimento. Uma iniciativa do governo do Estado que limpa as encostas da orla da Zona Sul do

Rio de Janeiro, normalmente utilizadas como lixões nas comunidades (Figuras 40 e 41). A área em questão está localizada na Avenida Niemeyer S/N, no Vidigal.



Figuras 40 e 41: Lixo retirado da encosta da Avenida Niemeyer, Vidigal/RJ (28/03/2022).
Fonte: Acervo pessoal.

Inicialmente, visitamos o local às terças-feiras, das 9 às 12h, com o objetivo de desenvolver estratégias para tornar o espaço negligenciado em um local de geração de valores. A opção foi construir um horto com o auxílio dos funcionários do Projeto Comunidade Recicla e de voluntários. Contribuímos com o desenho do espaço, dividimos as áreas de plantio e distribuímos sementes e mudas, proveniente da minha propriedade em Seropédica, no Estado do Rio. Outros insumos eram fornecidos pelo coordenador José Antônio, que obtinha recursos através da venda de materiais recicláveis e trazidos pelos moradores que frequentavam o espaço. O esforço investido nessa iniciativa, realizada com poucos recursos, compensou. O local começou a atrair mais voluntários e frequentadores, que passaram a enxergá-lo como uma opção de aprendizado, lazer e ponto turístico.



Figuras 42 e 43: Entrada Horta Comunitária Vidigal, 2023.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 44: Doação de mudas, 2023.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 45 e 46: Distribuição de hortaliças e oficina de plantio.

Fonte: Acervo pessoal.

A conscientização sobre a importância do meio ambiente se expandiu, através da ação, tanto entre aqueles que têm o poder de tomar decisões significativas quanto entre a população em geral. Isso mostra que as pessoas em posições de influência, como governantes, empresários e líderes de organizações, estão começando a integrar questões ambientais em suas escolhas e ações. Paralelamente, a conscientização ambiental também está crescendo entre os cidadãos comuns, que estão se tornando mais atentos aos noticiários e aos impactos de suas próprias ações no meio ambiente.

Em resposta a esse crescente entendimento, comunidades e grupos estão se mobilizando em diversas partes da cidade, trabalhando para criar espaços e iniciativas que promovam um estilo de vida mais sustentável e equilibrado em

relação ao meio ambiente. Exemplos disso incluem o desenvolvimento de áreas para a produção de alimentos, como hortas comunitárias e jardins urbanos, onde as pessoas podem cultivar alimentos de forma sustentável. Além disso, estão estabelecendo locais que permitem um contato direto com a natureza, como parques e áreas de preservação.

A pesquisadora Fernanda Pernes explorou esse fenômeno em sua dissertação de Mestrado em Design pela PUC-Rio, em 2019, *Design de serviços para inovação social e sustentabilidade*. A autora afirma que, à medida que as pessoas interagem mais com a cidade e o espaço urbano, elas geram vínculos duradouros, que por sua vez produzem posturas conservativas.

À medida que as pessoas interagem mais com a cidade e o espaço urbano, elas produzem novos lugares, significados, valores e apropriações. As hortas urbanas fazem parte hoje deste movimento que busca uma reconexão do homem com a sua própria natureza, seja próximo dos alimentos ou de semelhantes que realizam com ele a parceria de uma vida mais humana e sustentável (Pernes, 2019, p. 32).

O líder indígena e pensador Ailton Krenak (2020) percebe os movimentos da agroecologia e da permacultura como elementos integrantes de uma micropolítica que abraça o princípio da conversão do espaço urbano desolado em um ambiente de vida renovada.

O tempo passou, as pessoas se concentraram em metrópoles e o planeta virou um paliteiro. Mas agora, de dentro do concreto, surge essa utopia de transformar o cemitério urbano em vida. A agrofloresta e a permacultura mostram aos povos da floresta que existem pessoas nas cidades viabilizando novas alianças, sem aquela ideia de campo de um lado e cidade do outro (Krenak, 2020, p.15).

Assim, as perspectivas apresentadas por Krenak e Pernes indicam a evolução de uma mentalidade coletiva que busca restabelecer um vínculo mais profundo e harmônico entre a sociedade urbana e a natureza, redefinindo a forma como interagimos com o ambiente em nossas cidades. As hortas urbanas e comunitárias ocupam áreas previamente negligenciadas e destituídas de vitalidade, que agora são destinadas ao cultivo de alimentos e à fomentação de interações sociais. Um sistema abrangente que engloba elementos e serviços sujeitos a planejamento, incluindo ferramentas relacionadas ao plantio, colheita e irrigação, dando impulso a uma onda verde que se propaga de modo sistêmico. O campo do Design estabelece um diálogo com as Ciências Sociais, fortalecendo procedimentos

e metodologias que envolvem observação qualitativa, análise e pesquisa. A filósofa Maria Cecilia Loschiavo dos Santos (2021) observa que o design opera dentro de um contexto de dupla racionalidade, unindo a racionalidade técnico-física-matemática com a racionalidade das ciências humanas. Nessa perspectiva, o cenário contemporâneo das práticas agrícolas proporciona um ambiente de aprendizado de notável riqueza, solidez e que mais do que solucionar demandas pragmáticas, atua como polo de irradiação simbólico, proporcionando mudanças de atitudes individuais e coletivas que resultarão em transformações comportamentais perenes e positivas em contextos dos mais tangíveis aos mais sutis e subjetivos. Isso sim é uma verdadeira transformação social.

Voltando a encosta em que implementamos o horto/horta, durante o mês de abril de 2023, construímos uma sementeira de cano PVC (Figura 47), com materiais que fornecemos. A pintamos de cor amarela, contrastando com azul do horizonte e com o verde do cenário natural. Nesse local foram oferecidas oficinas de plantio e em algumas delas, a professora Flávia do Instituto Todos na Luta¹⁵, trouxe algumas de suas turmas, de várias faixas etárias para conhecer o local e aprender sobre meio ambiente (Figura 48).



Figuras 47 e 48: Escultura sementeira e oficina de plantio.

Fonte: Acervo pessoal.

No mês de maio de 2023, foi realizada a implementação de um Bromeliário em um local caracterizado pela presença de pedras. A escolha pelas plantas nesse

¹⁵ Instituto Todos na Luta – fundado em 1990, pelo ex boxeador Raff Giglio, que oferece aulas de boxe gratuitamente aos moradores locais. Disponível em: <https://todosnaluta.wordpress.com/> Acesso em: 17 ago. 2024.

ambiente foi pautada na sua notável resistência e na demanda reduzida por terra. Elas são reconhecidas por prosperarem em condições adversas e pela capacidade de crescer em substratos rochosos, o que as torna particularmente adequadas para um espaço onde outras espécies vegetais enfrentariam dificuldades para sobreviver.



Figura 49: Horta Comunitária Vidigal – Bromeliário.

Fonte: Acervo pessoal.

Nos meses de agosto e setembro, instalamos uma cerca de PVC ao espaço (Figura 50), utilizando materiais reciclados descartados no local. Essa iniciativa teve o propósito de dificultar o acesso dos animais, que costumavam revirar as plantas, e de evitar que pessoas retirassem as mudas antes de seu pleno desenvolvimento. As tintas, pinceis, parafusos e ferramentas foram levados por nós. Essa cerca foi adornada com mensagens para reflexões, as quais ganharam vida graças à colaboração de participantes. As palavras escolhidas são um convite à contemplação e ao pensamento crítico, transformando o espaço em algo mais do que simplesmente um jardim. Outra intervenção foi uma escada (Figura 51) construída a partir de pneus encontrados no local. Idealizada por nós e realizada pelo parceiro José Antônio. Apesar de aparentemente simples, ela contribui para melhorar a acessibilidade.

Todo o trabalho realizado demonstra como é possível promover a conscientização em torno de questões essenciais, como a conservação da natureza e a sustentabilidade em localidades carentes. Assim, como o Design Social propõe, a mágica se materializa por meio da empatia do mediador, que enxerga as

necessidades do público envolvido, dando voz a todas as perspectivas e reconhecendo o potencial de cada participante como um criador.



Figuras 50 e 51: Horta Comunitária Vidigal/RJ – maio/2023.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 52: Recebendo turistas no local com o agente Paulo Cesar explicando o projeto.

Fonte: Acervo pessoal.

Encerramos este capítulo voltando ao início dessa trajetória, que nasceu de maneira modesta durante a pandemia, sem grandes recursos, mas impulsionada por um forte desejo de transformação. O crescimento desse projeto não foi fruto do acaso, mas sim de um processo contínuo de escuta atenta, negociação, resiliência e comprometimento com os princípios do Design. O caminho trilhado até aqui revela que mais do que palavras e teorias, foram as ações concretas que realmente impactam vidas.

Cada passo dessa jornada demonstrou a importância da colaboração e do envolvimento comunitário, reafirmando que o design, quando aplicado de forma

sensível e inclusiva, pode ser um agente poderoso de mudança. A experiência no Vidigal mostrou que a criação de espaços vivos e funcionais não depende apenas de recursos materiais, mas principalmente da disposição de indivíduos que acreditam no potencial de transformação e na capacidade de gerar resultado positivo na realidade ao seu redor.

Os esforços empreendidos, as relações construídas e as aprendizagens adquiridas permanecem como sementes plantadas, prontas para germinar em novos contextos e inspirar futuras iniciativas. A verdadeira transformação social ocorre quando o conhecimento se alia à ação, e essa história, que começou pequena, provou que é possível reescrever paisagens e vidas através da escuta, do trabalho coletivo e do design com propósito.

Caro leitor, no capítulo 4, você pode acompanhar a jornada de uma professora pesquisadora em Design que, com autonomia pedagógica, propôs uma abordagem centrada no “indivíduo e o espaço”. Com influência de pensadores como Paulo Freire (1996), Antônio Bispo dos Santos (2023), Acosta (2016), Larrosa (2022) e Tuan (1983), transformou a escola em um laboratório vivo de expressão e ressignificação.

4

Uma jornada de pesquisa e ação: Escola Municipal Tatiana Chagas Memória e os desdobramentos artísticos pessoais



Figuras 53 e 54: Escola Municipal Tatiana Chagas Memória.

Fonte: Google Maps.

Este capítulo expande e complementa as experiências vivenciadas no Vidigal, demonstrando como as propostas de trabalho desenvolvidas podem ser adaptadas e aplicadas em diferentes contextos sociais e educacionais. A abordagem adotada na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória se baseia na pesquisa e na autonomia criativa dos alunos, permitindo que eles reflitam sobre si mesmos, sua comunidade e seu modo de ser por meio da arte. As atividades realizadas foram embasadas em princípios teóricos de grandes pensadores da educação e da arte, como Paulo Freire (1996), Antônio Bispo dos Santos e Elliot Eisner (2002), todos fundamentais para a construção de uma metodologia pedagógica que privilegia o aprendizado experiencial e a expressão criativa.

As aulas foram conduzidas para estimular a percepção espacial e simbólica dos alunos, incentivando a exploração de seu entorno e a ressignificação dos espaços escolares e comunitários. Ao longo do período letivo, diferentes estratégias foram utilizadas, incluindo desenhos, murais, exposições, oficinas práticas e projetos interdisciplinares, todos voltados para a construção de um ambiente de aprendizagem ativo e engajador.

Os conceitos explorados em sala de aula foram levados para além da escola, influenciando minha produção artística. Assim, esse texto não apenas documenta

um trabalho realizado dentro do ambiente escolar, mas também reflete sobre como a educação e a arte caminham juntas na construção de um olhar crítico e sensível sobre o mundo.

Fui contratada como professora temporária de Artes para atuar na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória, localizada na Rua Pedro Osório, 360. A instituição conta com cerca de 1500 alunos, abrangendo do sexto ao nono ano e inclui turmas especiais de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A experiência como docente na instituição ocorreu durante o período compreendido entre 20 de junho a 20 de dezembro de 2023. Os alunos apresentavam idades que variavam entre 12 e 22 anos. O objetivo primordial consistia em desenvolver a percepção espacial desses estudantes, tanto no campo simbólico, quanto no físico. Utilizando a pesquisa de doutorado como instrumento, busquei explorar suas concepções sobre si mesmos, a comunidade e a cultura circundante.

Ao iniciar a jornada neste ambiente educacional, recebi do diretor da escola, Thiago Ferreira, a autorização para exercer com autonomia as práticas artísticas. A opção escolhida foi abordar o tema “Eu e o Espaço” como base durante as aulas, alinhado às ideias de autoconhecimento e pertencimento. De acordo com Tuan (1983) essa relação se direciona para o mundo exterior. “Ver e pensar claramente vão além do eu. O sentimento é mais ambíguo” (p. 10). Assim, compreender o espaço que ocupamos e aquele que desejamos habitar torna-se fundamental para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Essa escolha se fundamenta na crença de que o autoconhecimento é o ponto crucial para reflexão e criação. A compreensão de nossa identidade, do lugar que ocupamos e da aspiração pelo espaço que desejamos habitar está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento pessoal, refletindo Acosta e as premissas do *Bem viver* (2016) em sintonia com a filosofia do Professor Paulo Freire, conforme expressa em sua obra *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa* (1996). Segundo Freire (1996), o ato de ensinar demanda uma constante prática de pesquisa. O ensino e a pesquisa são interdependentes, coexistindo no cerne um do outro:

Ensinar exige pesquisa. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (p. 14).

Essa abordagem pedagógica está em completa harmonia com minha visão pessoal de educação, na qual o ensino é impulsionado pela busca de identidade, história e cultura local como meio de aprimorar a geração de uma prática docente com a qual o aprendente não apenas se identifique, mas de fato intervenha, cocriando os meios de seu desenvolvimento. Essa perspectiva se alinha com a noção de “Confluência”, apresentada pelo pensador Antônio Bispo dos Santos em seu livro *A Terra dá, a terra quer* (2023), ao discutir a importância de reconhecer e incorporar o conhecimento disponível no interior do contexto em cada aplicação metodológica, considerando o modo de fazer e o vocabulário específico da localidade como elemento de engajamento.

Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolônização... e assim por diante (Bispo dos Santos, 2023, p. 4).

A perspectiva do quilombola destaca a importância de reexaminar e reinventar conceitos fundamentais em diversas áreas para promover soluções integradas e colaborativas. Enfatiza a relevância de uma compreensão mais holística e orgânica do conhecimento como base para construir uma sociedade justa, evitando a colonização mental imposta pelos poderes dominantes aos povos originários – àqueles trazidos pela força ao nosso continente e que se perpetua nas camadas populares. Uma mentalidade que parte do pressuposto errôneo de que tais grupos de indivíduos estão em posição inferior e, portanto, devem ser submissas.

Inicialmente, as aulas foram conduzidas por meio de exercícios de apresentação. A cada encontro, os alunos respondiam perguntas sobre identidade, contexto de moradia, relações interpessoais, preferências e aspirações futuras. Cada resposta era acompanhada de um desenho, utilizado como forma de expressão visual. A Abordagem adotada se fundamentou na metodologia *Art Based Research*, proposta por Elliot Eisner (2002), na qual a arte desempenha um papel significativo na coleta de dados dentro de disciplinas acadêmicas, permitindo a análise por meio das expressões artísticas. Contudo, em turmas de aproximadamente quarenta alunos, apenas uma minoria de quatro ou cinco estudantes manifestaram disposição para a atividade, aparentemente por medo do julgamento do outro. Em sua obra

Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora, O psicólogo alemão Rudolf Arnheim (1980) argumenta que:

A percepção visual está intimamente ligada ao processo criativo. O tatear na incerteza é tão improdutivo quanto a cega obediência a regras. A autoanálise descontrolada pode ser prejudicial como também o primitivismo artificial da pessoa que se recusa a entender como e por que trabalha (p. 11).

Por outro lado, a autoanálise também pode ser uma ferramenta poderosa para aprofundar a compreensão do próprio processo criativo e até potencializar a criatividade. Muitos artistas, escritores e cientistas combinam intuição e análise para desenvolver suas ideias. Quando um aluno teme que seu desenho possa ser julgado negativamente, ele pode hesitar em compartilhá-lo, optando por entregá-lo de forma anônima ou até mesmo evitando desenhar. Esse comportamento foi observado em situações as quais alguns estudantes preferiram submeter seus trabalhos discretamente ou apenas após o término da aula.

Em resposta a essa relutância, percebi a necessidade de reformular as propostas pedagógicas. Passei a adotar uma abordagem mais dirigida, introduzindo desenhos passo a passo no quadro, permitindo que construíssemos as figuras juntos, conforme a demanda dos estudantes, e incentivando o trabalho em grupo. Além disso, incorporei o tema “Ressignificação de espaços” propondo práticas que extrapolam a sala de aula convencional. Dessa forma, experimentamos diferentes ambientes da escola (corredores, pátio, estacionamento e até áreas externas à escola). De acordo com o pedagogo Jorge Larrosa, em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), a experiência é o que nos passa, nos toca ou nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. Dessa forma, a experiência é essencial, funcionando como uma travessia que conduz à mudança.

É incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘expõe’. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2002, p. 25).

Para estabelecer uma conexão mais significativa com os alunos, comecei compartilhando minha história: de onde eu vim, como cheguei até aquela escola, meus interesses e sonhos. Um momento que os tocou foi quando falei sobre o meu

interesse pelo desenho, que começou ainda na sala de aula da Escola Municipal Almirante Tamandaré, na disciplina da professora Dona Vilma; tínhamos duas aulas semanais. Sempre fui reservada e calada, então meus primeiros rabiscos retratavam meu mundo imaginário, sobre como eu gostaria que fosse.

Lembrei-me do dia em que D. Vilma nos pediu para desenhar sobre nossa vida fora da escola para uma exposição. Todos os alunos representaram diversas experiências, e a violência apareceu como tema recorrente. Eu, no entanto, desenhei flores e paisagens. A professora, surpresa, questionou: “o que é isso? Você vive no mundo dos sonhos? Todos aqui sofrem violência e você não?” Respondi apenas que eu gostava de desenhar coisas bonitas.

Adotei essa abordagem com todas as turmas e incentivei os alunos a se expressarem livremente, seja por meio do desenho, da escrita ou da fala. Eles tinham a liberdade de criar tanto dentro quanto fora da sala de aula, podendo me entregar as produções no momento que desejassem. Para aqueles que preferissem trabalhar em casa, disponibilizei um kit de materiais. Nossas aulas se tornaram espaço de trocas e a cada dia nos aproximamos mais. Os afetos e as marcas resultantes desse processo são efeitos da experiência, como descrito por Larrosa (2022):

A experiência é ‘o que nos passa’, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (p. 24).

Nesse sentido, a experiência é um processo contínuo de interação e transformação, em que fica evidente que o ser humano não é um agente estático, mas um ser em construção, moldado por suas vivências e pelas influências do meio. Isso dialoga com abordagens que enfatizam a experiência sensível e subjetiva como essencial para a compreensão do mundo e da identidade do sujeito. Nossa proposta de ação consistiu em utilizar os murais para abordar temas relevantes a cada mês, além de celebrar festividades tradicionais, como, por exemplo, a Festa Junina, realizada em 12 de julho de 2023 (Figura 55).



Figura 55: Festa Junina. Turma 1901.

Fonte: Acervo pessoal.

Nessa celebração, os estudantes desempenharam um papel fundamental na criação de bandeirinhas na ornamentação das salas de aula e do pátio, fomentando uma integração mais profunda e cultivando o zelo pelo espaço de aprendizado. Os murais transformaram-se num dos suportes de intervenção das classes, as turmas os elaboraram com campanhas de conscientização relacionadas à saúde (Figuras 56 e 57) e questões sociais e ambientais (Figuras 58 e 59), como a Semana de Consciência Ambiental e a Semana da Consciência Negra (Figura 60). Os professores Adriana Andrade, Vilma Pereira, Stefanie Araújo e Cícero Simões foram colaboradores desses eventos.



Figuras 56 e 57: Produção de mural. Turma 1704.

Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 58 e 59: Produção de mural no pátio. Turma 1901.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 60: Pintura da porta da Sala 2, Turma EJA.

Fonte: Acervo pessoal.

As oficinas ocorreram no horário regular das aulas, com avaliação baseada na presença e participação dos alunos. Durante as sessões, além dos temas mensais do calendário escolar, exploramos os princípios dos “5 Erres da Sustentabilidade – repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar”, promovendo o descarte consciente e incentivando a reflexão sobre direitos e deveres na luta contra as desigualdades socioambientais e na construção de um ambiente mais saudável para todos.

Ações como essas, alinhadas à Agenda 2030¹⁶, estimularam o protagonismo dos alunos, ressignificando práticas e conhecimentos aplicáveis a vida cotidiana.

¹⁶ Agenda 2030. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>

O engajamento dos alunos e a colaboração interdisciplinar dos professores fizeram com que o projeto transcendesse seus objetivos iniciais, nutrindo uma cultura de parceria e incentivando os estudantes a se tornarem agentes de mudança dentro e fora da escola. Essa transformação se refletiu em suas casas, conforme relatos de alunos que iniciaram projetos de plantio e adotaram práticas de reciclagem.

As expressões artísticas desenvolvidas ao longo do semestre, por meio do desenho, exposições, murais, caminhadas, produção de horta, funcionaram como ferramentas lúdicas de aprendizado, tanto para os alunos quanto para mim. Essas produções facilitaram discussões e aprofundaram a compreensão de diversos conceitos. Nesse sentido, vale lembrar a reflexão de Paulo Freire (1996):

Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência, nem de forma grosseira nem farisaica. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza (p. 37).

A dinâmica interativa estabelecida entre os estudantes estimulou a participação ativa e o compromisso com as temáticas abordadas em sala de aula. Para a realização das atividades, utilizamos materiais básicos como tinta guache, pincéis, giz de cera, cola e papéis coloridos, organizando os grupos conforme a escolha dos materiais. Sob minha orientação, os alunos aplicaram os princípios do *design thinking*, tornando o processo mais eficiente e colaborativo.

Atendendo à solicitação da coordenadora pedagógica, Lara de Souza, as turmas 1702, 1901 e 1902 se dedicaram à identificação das salas de aula no período de 11 a 18 de agosto. Até então, os espaços não possuíam numeração. Para essa tarefa, os estudantes experimentaram diferentes tipos de fontes, praticaram o uso correto da régua e aprenderam a manusear o pincel. Diante das dificuldades com alguns materiais, organizaram-se de acordo com suas habilidades e interesses, distribuindo as tarefas de forma colaborativa.

No segundo encontro, as sinalizações foram executadas nas paredes do corredor, próximas às portas, tornando a identificação das salas mais clara e acessível para toda a comunidade escolar.



Figuras 61 e 62: Sinalização do terceiro andar. Turma 1901.

Fonte: Acervo pessoal.

Elliot Eisner (2002) em *The Arts and the Creation of Mind* argumenta que as artes vão além de satisfazer as necessidades individuais: também funcionam como modelos para a educação em seu nível mais elevado. Eisner sugere que as artes exemplificam como a prática educacional pode ser aprimorada, ao pensar o ensino como atividade artística. Conceber a aprendizagem como algo com características estéticas e ao encarar o design do ambiente educacional como uma tarefa artística, se tem consequências profundas para o redesenho da prática pedagógica e para a valorização do contexto em que o ensino ocorre. Essa perspectiva converge, mais uma vez, com a filosofia de Paulo Freire (1967), que sustenta que a educação é um ato de amor e coragem, essencial para a análise crítica da realidade.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (p. 97).

Ao tratar o ensino como uma prática artística, somos levados a reimaginar o ambiente como um espaço onde a criatividade e o diálogo crítico manifestam-se formalmente, refletindo os valores conceituais basilares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reconhece a importância da arte na formação integral do ser humano, ressaltando que ela tem o poder de desenvolver modos inovadores de pensar e fazer no contexto do ensino-aprendizagem, contribuindo para a humanização e a expressão completa dos estudantes.

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da articulação da linguagem. Essa capacidade de formar imagens acompanha a evolução da humanidade e o desenvolvimento de cada criança e adolescente. Visualizar situações que não existem abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata (MEC, 1997, p. 34).

A abordagem artística no aprendizado amplia a fixação dos conteúdos porque envolve os alunos de maneira sensorial e interativa. Diferente dos métodos tradicionais, que muitas vezes se baseiam apenas na leitura e na escuta, a arte permite que os estudantes toquem, vejam, criem e sintam, tornando a experiência de aprendizado mais rica e significativa. Há na literatura um consenso de que ao desenhar, pintar, esculpir ou utilizar qualquer outra forma de expressão artística, diferentes áreas do cérebro são ativadas, associando o conhecimento a experiências visuais, táteis e emocionais. Isso não apenas facilita a memorização, mas também fortalece a compreensão dos conceitos estudados. Além disso, quando os alunos representam ideias graficamente ou manipulam materiais, eles transformam conceitos abstratos em algo concreto, o que favorece uma aprendizagem mais intuitiva.

Outro ponto essencial é que a arte incentiva a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Quando os alunos experimentam cores, formas e texturas, eles não apenas reproduzem informações, mas constroem seus próprios significados, aprofundando a relação com o conhecimento. Essa abordagem torna o estudo mais dinâmico e prazeroso, promovendo uma conexão mais autêntica com o tema abordado. Professores que buscam aprimorar suas competências oferecem uma educação de qualidade, reconhecendo que a arte é uma parte intrínseca da cultura humana. Como Paulo Freire (1996) afirma:

Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível (p. 24).

O Rio dos Porcos, também conhecido como Valão, é um curso d’água situado no jardim Maravilha em Guaratiba entre a Estrada do Magarça e a Avenida São José, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sua formação está diretamente ligada ao sistema hidrográfico da região, caracterizado por rios e canais que desempenham um papel essencial no escoamento das águas pluviais e na drenagem do solo.

Esse rio, como muitos outros em áreas urbanizadas, sofre impactos significativos devido à ocupação desordenada e à falta de saneamento básico adequado. Originalmente, ele fazia parte de um ecossistema natural mais equilibrado, possivelmente alimentado por nascentes e recebendo contribuição de afluentes menores. No entanto, a crescente urbanização local levou ao despejo irregular de lixo e outros resíduos, prejudicando a qualidade da água e o equilíbrio ecológico.

As margens do Rio dos Porcos apresentam uma vegetação que, apesar das agressões ambientais, ainda resiste em alguns trechos, ajudando a manter a estabilidade do solo e a reduzir a erosão. Contudo, a poluição contínua comprometendo a biodiversidade aquática e dificulta a regeneração natural do ambiente. Além dos problemas ambientais, a região enfrenta desafios sociais, como o controle por grupos paramilitares, o que pode dificultar ações de fiscalização e recuperação ambiental. A sensibilização da população e o engajamento em projetos de conscientização são fundamentais para minimizar os impactos e promover a recuperação do rio.

Ciente da minha pesquisa sobre a resignificação de espaços, a professora de Ciências, Viviane Vieira, me convidou para realizar uma intervenção com a turma 1702 no local. No primeiro encontro, a ação teve início no dia 28 de agosto, com uma caminhada da escola até o rio, cujo objetivo inicial foi diagnosticar os principais problemas enfrentados pela área. Segundo os relatos dos estudantes, o rio sofre com um grande desrespeito, manifestado pelo acúmulo de lixo, oferendas religiosas e, em alguns casos, até mesmo restos mortais.



Figura 63: Rio dos Porcos, Jardim Maravilha. Turma 1702, agosto, 2023.
Fonte: Acervo pessoal

No segundo encontro, dia 29 de agosto, com o objetivo de gerar reflexão sobre essa realidade, adotamos a abordagem do *design thinking*. Essa metodologia, baseada na experimentação e na compreensão do usuário, é composta por cinco fases: empatia, definição, ideação, prototipagem e teste. O processo não segue uma sequência rígida, sendo interativo e permite a revisão das etapas sempre que necessário para refinar as soluções. Iniciamos a atividade com uma nuvem de palavras, representando os sentimentos que surgiram durante a oficina. As palavras escolhidas pelos estudantes refletiram, sobretudo, o desejo por mais respeito ao seu espaço.



Figura 64: Nuvem de palavras – Turma 1702. Agosto, 2023.
Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida, confeccionamos placas coloridas com as palavras sugeridas pela turma (Figuras 65, 66 e 67). No terceiro encontro, dia 31 de agosto, as placas foram colocadas ao longo do caminho da escola até o Rio dos Porcos, durante uma caminhada. Ao longo do trajeto, exploramos o espaço em análise, discutimos estratégias de intervenção para sensibilizar a comunidade sobre a questão do lixo e praticamos coleta seletiva. Notamos um grande envolvimento da turma, que demonstrou entusiasmo com a atividade extracurricular e um senso de cidadania.



Figuras 65 e 66: Dia da intervenção no caminho do Rio dos Porcos. Turma 1702. Agosto, 2023.

Fonte: Acervo pessoal



Figura 67: Dia da intervenção no caminho do Rio dos Porcos. Turma 1702.

Fonte: Acervo pessoal.

Durante o mês de setembro, a turma 1702 foi conduzida para atividade de plantio, um momento marcante para muitos desses estudantes urbanos, pouco acostumados a manipular a terra. Providenciamos sementes de melão, tomate,

batata-doce salsa e cebolinha, permitindo que os alunos tivessem contato direto com o processo de cultivo, desde a preparação do solo até o plantio das sementes.

Para alguns, a experiência foi inicialmente desafiadora. Mas não houve resistência no primeiro contato com a terra, a maioria nunca havia participado de um processo agrícola. O toque da terra úmida, o cheiro do solo e a atividade de sujar as mãos geraram reações diversas, desde estranhamento a encantamento. A maioria dos alunos se envolveu com entusiasmo, percebendo a importância desse processo para a produção de alimentos e a manutenção do meio ambiente.

As discussões que surgiram durante a atividade foram ricas e reveladoras. Falamos sobre a relação entre alimentação saudável e cultivo sustentável, destacando como o acesso a alimentos frescos pode impactar positivamente a saúde. Muitos estudantes ficaram surpresos ao perceber o tempo e o cuidado necessários para que um simples tempero ou legume cresça, o que gerou reflexões sobre o desperdício de alimentos e a valorização do trabalho agrícola. A conexão com a ecologia foi um ponto forte nas conversas. Discutimos como o cultivo consciente pode ajudar a reduzir impactos ambientais, a importância da biodiversidade no solo e até mesmo o papel das plantas na melhoria da qualidade do ar e na manutenção do equilíbrio ecológico.

No final da atividade, muitos expressaram o desejo de acompanhar o crescimento das mudas e alguns até perguntaram sobre a possibilidade de plantar em casa. A experiência, além de prática, foi uma poderosa ferramenta de sensibilização sobre a importância da natureza e da produção de alimentos. Para manter o envolvimento da turma, organizamos grupos responsáveis pela rega e pelo monitoramento das plantas, incentivando o cuidado contínuo e a conexão com o processo de cultivo. No dia 10 de novembro, estendemos a atividade de plantio para a turma EJA, contando com a participação dos professores: Aline Cristina, Viviane Vieira, Stefanie Araújo, Jonas e Luis. A ação envolveu o plantio de sementes e mudas, além da catalogação da flora local (Figuras 68 e 69).

O comportamento dos estudantes das turmas do EJA, foi receptivo e engajado desde o início da atividade. Muitos deles já possuíam alguma familiaridade com práticas de cultivo, seja por experiências passadas ou por memórias da infância, o que gerou trocas enriquecedoras durante o processo, levantamos questões sobre sustentabilidade, segurança alimentar e até mesmo sobre o uso de plantas na medicina popular. O plantio se tornou não apenas um exercício

de aprendizado, mas também um resgate de saberes e práticas tradicionais, com alguns alunos compartilhando suas próprias experiências sobre cultivo e cuidados com a terra.

No geral, as turmas do EJA evidenciaram como diferentes faixas etárias se relacionam com a terra e o plantio de formas distintas, mas igualmente valiosas.



Figuras 68 e 69: Estacionamento da Escola – Turma EJA. Novembro, 2023.
Fonte: Acervo pessoal.

No decorrer do mês de novembro, com o objetivo de compartilhar os conhecimentos adquiridos, foi proposto às turmas 1901 e 1902 a realização de uma exposição de suas produções durante o semestre no pátio da escola. Ao aplicarem as técnicas aprendidas em sala de aula e explorarem palavras-chave como *criatividade*, *espaço*, *fertilidade* e *amor à vida*. Os estudantes demonstraram entusiasmo em participar ativamente.

Durante os dias 16, 17, 20 e 21 de novembro, os estudantes montaram a tenda da exposição, criaram cartazes e exibiram com orgulho suas criações (Figuras 70, 71, 72 e 73).



Figuras 70 e 71: Exposição no pátio da Escola. Novembro, 2023.
Fonte: Acervo pessoal.



Figuras 72 e 73: Exposição no pátio da Escola. Novembro, 2023.

Fonte: Acervo pessoal.

Destacou-se a presença do ateliê de portas abertas, proporcionando aos visitantes a oportunidade de participar das oficinas de arte conduzidas pelos próprios educandos. O resultado alcançado foi motivo de grande satisfação, pois nesse ponto, os estudantes demonstraram confiança em suas habilidades, evidenciando o sucesso da iniciativa. Essas ações evidenciaram o poder da educação artística em fortalecer a confiança, evidenciando na prática que a arte pode ser um instrumento transformador. As professoras Viviane Vieira e Renata Napoleão foram colaboradoras desse evento.

Dando continuidade às atividades, em primeiro de dezembro, a turma 1704 foi guiada para realizar a atividade de plantio nos canteiros do estacionamento da escola, utilizando mudas – hibisco, onze horas, hortelã, boldo, girassol) – fornecidas pela professora Aline Cristina. Vários educadores participaram, incluindo os professores Stefanie Araújo, Viviane Vieira e Luis, cada um com suas respectivas turmas. Durante essa ocasião, nos empenhamos no plantio, na limpeza e na catalogação das plantas, como ilustrados nas figuras seguintes (Figuras 74 e 75).



Figuras 74 e 75: Estacionamento da Escola. Dezembro, 2023.

Fonte: Acervo pessoal.

A experiência na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória, alinhada com os pressupostos de grandes pensadores como Paulo Freire (1996), Antônio Bispo dos Santos (2023), Elliot Eisner (2002), Rudolf Arnheim (1980) e Larrosa (2002) demonstrou como as práticas pedagógicas podem ser adaptadas para diferentes contextos sociais e educacionais. A abordagem pedagógica adotada focou no autoconhecimento e na valorização do lugar, criando um ambiente dinâmico, sensível e interativo.

Refletir sobre a experiência nos permite perceber como a arte não é apenas uma forma de expressão, mas também uma ferramenta poderosa para o aprendizado significativo. Ao propor atividades que estimulavam o reconhecimento do espaço, da identidade e da comunidade, foi possível ampliar a percepção dos alunos sobre o mundo ao seu redor, promovendo uma educação mais crítica e autêntica. Além disso, ao integrar diferentes modalidades de expressão artística – como desenhos, murais, oficinas e projetos interdisciplinares – proporcionou-se aos estudantes a oportunidade de engajar com temas relevantes de forma criativa e colaborativa.

A adaptação do método artístico no processo de ensino não se limitou apenas ao ambiente escolar, mas se estendeu para o contexto cotidiano dos alunos, transformando sua relação com o espaço e com a própria prática educacional. A observação do engajamento dos alunos e a colaboração interdisciplinar dos professores evidenciam que, quando a arte se torna uma parte central do aprendizado, ela tem o poder de transformar a maneira como os estudantes se veem e se relacionam com o mundo.

O diálogo com os autores que fundamentam a metodologia adotada, como Freire, Larrosa e Eisner, mostra que a educação é um processo contínuo de descoberta e reinvenção, e que a arte desempenha um papel fundamental nesse processo. A prática educativa deve ser vista como um ato de amor, coragem e criatividade, permitindo que os alunos se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem.

Ao concluir este subcapítulo, vimos que os aprendizados adquiridos ao longo do semestre, a experiência na escola reforça a importância da arte como uma via para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, crítica e transformadora. A implementação de atividades artísticas, a reflexão sobre a identidade e o espaço, e o engajamento dos alunos com sua própria comunidade revelam como a arte pode

contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e capazes de atuar de maneira autônoma e criativa em sua realidade. No subcapítulo *Expressões tangíveis, uma jornada de transformação*, o leitor poderá compreender como a pesquisa se expandiu para um contexto particular, em que o método de investigação se torna uma ferramenta de intervenção social. Dessa forma, a próxima seção mostrará intervenções que nasceram das expressões subjetivas captadas e transformadas em intervenções tangíveis.

4.1 Expressões tangíveis, uma jornada de transformação

Mais uma vez peço licença para falar em primeira pessoa, afinal, é por meio dessa perspectiva que posso compartilhar de forma mais autêntica minhas experiências. Durante a construção da tese, à medida que emergia na literatura acadêmica e na interação com o contexto territorial em estudo, experimentei um fenômeno, em que imagens vívidas e evocativas, afloraram em minha mente de maneira profunda e impactante. Essas imagens, enraizadas na fusão de teoria e prática, exerceram uma influência tão poderosa que me instigaram a dar forma a objetos que entendi capturar a essência efêmera do momento e a ressoar com o significado subjacente a esse processo de pesquisa-engajamento.

Inicialmente, esse impulso se manifestou por meio de fotografias, com registros das práticas. Posteriormente, essa criatividade se expandiu para a realização de utilitários; desenvolvi, por exemplo, a “Jardineira Hexágono”, composta por vasos equipados com sistemas capilares. Neste princípio, a água sobe através de fios de algodão, mantendo a terra úmida. Procedimento que facilita o manejo, uma vez que os canteiros só precisam ser abastecidos uma vez por semana. Todo construído em acrílico, mostrou-se em consonância com os pequenos espaços que encontrava na casa dos moradores e que necessitavam de soluções decorativas baratas e modulares (Figura 76).



Figura 76: Jardineira hexágono – módulos de 30cm, 2021.

Fonte: Acervo pessoal

Aos poucos fui adentrado a esfera poética, gerando peças como a “Escultura Gaia” (Figura 77), uma obra confeccionada em fibra de vidro, com medidas de 100 x 60 cm e apresentando cores verde e azul, marrom e amarelo. Sua concepção surgiu a partir da leitura de uma entrevista¹⁷ realizada pelo jornalista Diogo Shelp com o cientista inglês James Lovelock. A qual foi publicada na revista Veja em 25 de outubro de 2006. Nessa entrevista, Lovelock abordou a preocupante questão do aquecimento global e mencionou o conceito de “Vingança de Gaia”. Teoria já comentada na Introdução deste trabalho.

Lovelock (2006) utilizou o termo “Gaia” para descrever a força geradora do planeta, realçando a importância de compreendermos a relação entre o ser humano e a Terra. A obra foi inspirada por essa reflexão e representa uma mulher que contempla a barriga em gestação com um olhar preocupado em relação ao futuro, ao que está por vir. Essa obra visualiza artisticamente as preocupações ambientais e a necessidade de ação coletiva em face dos desafios ambientais globais.

¹⁷ Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Claudio/A%20vingan%E7a%20de%20Gaia.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.



Figura 77: Escultura de Gaia, 2021.

Fonte: Acervo pessoal

Já a peça a seguir (Figura 78) foi criada como resultado prático da disciplina “Temas em Arte Contemporânea”, ministrada por meu orientador durante o período letivo de 2022.2. A proposta foi coletar materiais ordinários e encontrados no dia a dia, a partir da temática “deriva”. Estratégia utilizada pelos Situacionistas no final da década de 1960 como meio de inferir calosidades poéticas em meio ao cotidiano disciplinador das cidades. Decidi coletar materiais no meu trajeto diário Vidigal/PUC-Rio e vice-versa. Coletei papéis, madeiras e santinhos de propaganda política que se espalhavam pelo chão, estávamos em período eleitoral, logo, tive muitos insumos. Depois de dois meses de acúmulo, decidi criar uma maquete que ilustrasse um pedaço da comunidade onde resido.



Figura 78: Maquete *Os donos do morro* – 40x40cm, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.

Em um encontro comunitário sobre memórias climáticas, organizado pela Rede de Favelas Sustentáveis (RFS) no Vidigal, apresentei a maquete como parte da minha história, inspirando os presentes a partilharem suas impressões. Na maquete incluí a representação de um teto verde, consequência do curso sobre o tema, que eu havia participado com o ambientalista Luís Cassiano (iniciativa já abordada anteriormente), a nomeei de *Os donos do morro*. Houve polêmica no local em relação ao título e em relação a presença dos santinhos (fotos impressas de políticos). Alguns moradores presentes não entenderam que, de certa forma, estamos nas mãos deles (políticos que aparecem em todas as eleições para pedir votos), e a realidade dentro da comunidade continua sempre a mesma por falta de políticas públicas adequadas. A maquete causou reflexões e instigou debates sobre responsabilidades e direitos dos moradores, e reforçou a necessidade de mobilização para transformar a realidade local.

Após a discussão acerca das disputas de poder no território, o diálogo se voltou para os elementos essenciais que tornam uma ocupação em local periférico verdadeiramente resistente, compreendendo a dificuldade de permanecer em um local carente de infraestrutura. Um aspecto bastante mencionado pelos participantes foi a presença de um poço. Uma fonte de água que possibilitava a subsistência, e era comum em praticamente todos os assentamentos que deram origem as comunidades. A partir disso, a RFS me solicitou a criação de um poço cênico para

um novo encontro, desta vez na comunidade da Vila Autódromo. O projeto demandou um período de dois meses para ser concluído.

O *Poço das memórias* foi pensado a partir das memórias dos moradores do Vidigal, num encontro sobre memórias climáticas, organizado pela COMCAT (Comunidades Catalizadoras), que tem como objetivo unir comunidades periféricas em busca de um futuro mais igualitário. A escultura, medindo 200 x 100cm nas cores branco, marrom e amarelo, foi feita com pneus descartados na Horta Comunitária do Vidigal, e estrategicamente instalada no centro da praça principal da comunidade Vila Autódromo.

Sua proposta consistia em conter fotografias antigas, coletadas pelos Museus das favelas participantes (Museu da Maré, Museu Sankofa, Núcleo de Orientação e Pesquisa histórica de Santa Cruz, Museu de Favela e Núcleo de memórias do Vidigal), permitindo que os moradores retirassem aquelas que desejassem guardar e, ao mesmo tempo, pudessem apreciar as histórias impressas nos varais. A exposição gerou impacto emocional e social entre os moradores e participantes do evento.

Exemplos como esse deixam claro que se consegue engajar os moradores de forma efetiva. O evento se estendeu durante todo o dia e ofereceu café da manhã, almoço, lanche e diversão, caracterizando-se como um investimento considerável.



Figura 79: *Poço das memórias* – 100x200cm, 2023.

Fonte: Acervo pessoal.

O *Cesto Tartaruga* (Figura 80) é uma escultura feita em ferro com dimensões de 100 x 80 cm, apresentando paleta de cores marrom e branco. No

processo recebi ajuda dos colaboradores Renato Muniz e Adonis Muniz. Esta peça foi concebida com o propósito de estimular reflexões sobre a problemática do lixo e seu destino. Sua essência é contemplativa, para promover conscientização ambiental e suscitar uma questão crucial: “Você sabe quanto de lixo produziu hoje? E qual é o destino do seu lixo?” Lá na encosta do Vidigal, a realidade é alarmante. É comum ver as tartarugas nadando entre os resíduos que acabam no mar. Emaranhadas em redes de pesca. Diariamente, os agentes do Projeto Comunidade Recicla retiram cerca de 12 sacos grande de dejetos, além do que já foi despejado no mar.



Figura 80: *Cesto Tartaruga*, 2023.

Fonte: Acervo pessoal.

A obra *Eu vejo flores em você* (Figura 81) é uma escultura jardineira feita de ferro, a ser preenchida com flores, com dimensões de 200 x 100 cm. Busca transmitir uma mensagem profunda de esperança, solidariedade e resiliência em um contexto social ou temporal desafiador. A intenção é evocar uma sensação de beleza e renovação, a qual contrasta de forma marcante com as adversidades presentes no ambiente circundante.

Senti vontade de confeccionar essa escultura, porque me identifico com a coruja, a ave observadora. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através

da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem. As flores, em sua natureza efêmera e delicada, representam a fragilidade da vida, mas também a sua resiliência e a sua capacidade de se renovar. Dessa forma, *Eu vejo flores em você* não apenas serve como uma expressão artística, mas também como um convite à reflexão sobre a importância da conexão, da solidariedade e da esperança em momentos desafiadores. Portanto, a obra transcende seu status objetual, tornando-se uma representação visual e simbólica da resiliência humana. Ela nos convida a contemplar a capacidade de encontrar beleza e renovação mesmo nas circunstâncias mais adversas, lembrando-nos da importância de manter a esperança e a solidariedade como pilares fundamentais para enfrentar os desafios da vida.



Figuras 81 e 82: *Eu vejo flores em você*, 2023/2024.

Fonte: Acervo pessoal.

Essas formas de expressão atuaram como uma conexão entre o mundo acadêmico e a complexidade das comunidades periféricas, destacando como a pesquisa acadêmica pode abraçar, compreender e impactar positivamente tanto a vida da pesquisadora quanto o objeto de estudo. Essas criações foram uma manifestação fundamental na minha pesquisa-ação, representando uma tentativa sincera de traduzir sentimentos, reflexões e compreensões profundas que, até então, poderiam ter permanecido silenciadas. Funcionaram como uma ponte sutil entre o real e o ideal. Intervenções como a escultura sementeira, o cesto tartaruga, o poço

das memórias, provocaram reflexões e despertaram a conscientização, mas também impactaram profundamente a percepção da responsabilidade cidadã.

Os autores mencionados ao longo da pesquisa fornecem uma base teórica que sustenta e fundamenta a importância de modelos educativos sensíveis e integradores, que consideram as dimensões sociais no processo formativo. Em especial, o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (MEC,1997) que destaca a importância de metodologias interdisciplinares, capazes de oferecer um aprendizado mais significativo e alinhado às realidades dos alunos, promovendo uma educação contextualizada que vai além dos conteúdos tradicionais.

Em fechamento, a experiência com a Escola municipal Tatiana Chagas Memória reafirma a relevância da interseção entre arte, educação e resistência, consolidando-a como uma prática transformadora dentro dos espaços de aprendizagem, especialmente nas periferias. A abordagem interdisciplinar que integra arte, tecnologia e sustentabilidade não só facilita o desenvolvimento de habilidades fundamentais, mas também contribui de maneira significativa para a formação de um pensamento crítico e participativo nos alunos, ampliando seus horizontes e potencialidades. As experiências aqui apresentadas corroboram a necessidade urgente de reinventar a educação, para que ela se torne efetivamente uma ferramenta de liberdade e transformação. É essencial que todo o ambiente escolar e mobiliário urbanístico esteja preparado para promover encontros, reflexões, intervenções e aprendizados.

Nesse contexto, a arte e o design surgem como poderosas ferramentas de intervenção.

5

Considerações finais

Ao longo dos últimos quatro anos, esta pesquisa se desenvolveu em um contexto histórico marcado por desafios globais e nacionais. Quando iniciei o doutorado na PUC-Rio em 2021, a humanidade enfrentava uma crise sanitária sem precedentes: a COVID-19. No Brasil, sob a gestão do governo Bolsonaro, o negacionismo da vacina e o descaso com a pandemia, agravaram ainda mais a situação no país. No cenário internacional, os Estados Unidos, sob o governo de Donald Trump, também minimizavam os impactos globais e adotavam políticas que comprometeram avanços científicos, sociais e ambientais. Em um contexto de retrocessos, a resistência e a construção de alternativas se tornaram ainda mais urgentes.

Naquele momento, morava em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e estava desempregada, quando surgiu a oportunidade de ingressar no doutorado em Design da PUC-Rio. Foi como uma luz no fim do túnel: a possibilidade de continuar meus estudos, aprofundar meus conhecimentos e dar ressignificado àquele período sombrio. Voltar à comunidade onde cresci não foi apenas uma escolha acadêmica, mas também um movimento de reencontro com minhas origens e uma tentativa de resistência em meio a um período tão adverso. O projeto “Ressignificando espaços em comunidades em busca de uma educação ecológica”, não apenas reestruturaria paisagens externas, formando cidadãos mais conscientes e engajados com um futuro sustentável, mas, sobretudo, internas.

Diante desse cenário de incertezas, a pesquisa transcendeu seu âmbito acadêmico, assumindo também uma dimensão micropolítica e pessoal. O retorno ao Vidigal representou o primeiro passo para tal, permitindo visualizar o dia a dia das pessoas, suas ações e reações diante de um ambiente singular, marcado por chagas e violência, mas também pela beleza de sua localização entre a montanha e o mar. Ao subir o morro, testemunhei o emaranhado de problemas que a comunidade enfrentava diariamente. Um cenário de fragilidades se impunha: a perda da liberdade de ir e vir, o aumento do desemprego, a precarização dos serviços

essenciais e a perda de vidas. A incerteza tornou-se parte constante do cotidiano, tornando ainda mais urgente a necessidade da mobilização de coletivos. Havia a necessidade de se criar estratégias e ações para mitigar esses impactos, especialmente nas periferias, onde as consequências são sentidas com mais intensidade.

O distanciamento social e a insegurança alimentar tornaram ainda mais evidente a necessidade de soluções sustentáveis e colaborativas. Nesse contexto, a proposta de design social inspirada em Victor Papanek mostrou-se fundamental para fomentar o interesse dos moradores pela questão da sustentabilidade. O projeto conseguiu implantar hortas em residências, uma horta comunitária e oficinas educativas, promovendo não apenas melhorias na infraestrutura local, mas também um novo olhar sobre o potencial de realização dos envolvidos. Os impactos dessas iniciativas transcendem o aspecto físico dos espaços. A percepção de acolhimento e pertencimento foi significativamente alterada. Os participantes passaram a se engajar mais ativamente em propostas ambientais e relataram um aumento na sensação de bem-estar. Como aponta Ernst Fischer (1959) “A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total” (p. 57).

Na prática, constatou-se que o próprio território oferecia insumos para ampliar a pesquisa de forma mais abrangente, revelando que a metodologia do Design, aliada a propostas artísticas e à permacultura, poderiam ser ferramentas eficazes na ressignificação de áreas ociosas. Essa abordagem se alinha à Biofilia, enfatizando a importância da conexão entre seres humanos e a natureza para o bem-estar. Em diálogo com a perspectiva de Tuan (1983), ao reconhecer que a transformação do espaço impacta diretamente seus habitantes, buscamos promover mudanças na percepção e nas relações sociais. Nosso estudo apontou que o espaço, ao ser transformado, ganha novos significados e possibilidades, influenciando as percepções, as relações e as atitudes das pessoas que o habitam.

A ideia é que enquanto damos sentido a algo, encontramos sentido. E isso se reflete em ato, modificando o lugar e trazendo um novo olhar sobre nossa própria existência, nossas conexões com o mundo ao redor se renovam. Quando nos envolvemos em ações comunitárias – em nosso caso jardins, murais, hortas ou outras formas de arte no espaço urbano – nos tornamos parte de algo maior do que nós mesmos. É um processo de transformação mútuo: o espaço se transforma e, ao mesmo tempo, as pessoas que interagem com ele também o fazem. Elas passam a

ver e a viver o ambiente de uma maneira nova, o que pode resultar em mudanças de atitudes, comportamentos e até em uma revalorização do local. As transformações no espaço exterior refletem o impacto no interior das pessoas, promovendo sentimentos de pertencimento, empoderamento e esperança.

No entanto, ao mesmo tempo em que ações de apoio emergiram, crises constantes revelaram um cenário de oportunismo e fragilidade. Guerras, catástrofes naturais, conflitos religiosos e crimes à natureza tornaram-se rotineiros. Uma vez que o desequilíbrio é sistêmico, grupos específicos passaram a aumentar o nível de ruído e a obter vantagens e lucros diante do cenário caótico. O que ocorria em macro escala se dava em microescala também; círculos viciosos e nocivos emergiram nas relações mais próximas. Logo, iniciativas de pesquisa – como a nossa – também se tornaram um meio de defesa diante de um quadro de impotência.

Manzini (2008) destaca o que chama de *soluções habilitantes*, que se referem à atividade de criar serviços para encorajar a participação de membros de comunidades de modo colaborativo. Propostas baseadas nas metodologias do Design, evocam a criatividade e a resiliência comunitária, garantindo, em nosso caso de pesquisa, que academia, ONGs e moradores locais dessem continuidade em seus modos de viver ao projeto, mesmo diante das adversidades.

A recepção da comunidade do Vidigal ao projeto foi um processo gradual. Inicialmente, houve desconfiança e resistência, compreensíveis diante do cenário caótico e do tempo do resultado. No entanto, ao perceberem que as iniciativas estavam sendo construídas de forma cuidadosa, participativa e respeitosa, muitos moradores passaram a se envolver. O resultado desse engajamento foi a consolidação do espaço de convivência, “Bem Viver”, influenciado pelas propostas de Alberto Acosta (2016), que hoje pertence verdadeiramente à comunidade, funcionando como local de aprendizado e compartilhamento de experiências. A ação obteve apoio do Projeto Comunidade Recicla, do Governo do Estado do Rio de Janeiro. O aprendizado coletivo emergiu como um dos maiores legados do projeto, como apontado por Paulo Freire (1967): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção” (p. 111).

Ao longo dos quatro anos, nossas ações foram valorizadas pelos participantes e coletivos locais, se desdobrando em ações que, embora inicialmente não fizessem parte da pesquisa, proporcionaram sua expansão. Fui convidada a integrar a diretoria da ONG Horizonte, o Núcleo de Memórias do Vidigal e o

projeto Art D'Cor. Nessas iniciativas busquei associar a ressignificação de espaços à ressignificação do próprio ser, reforçando a ideia de que transformar o ambiente ao nosso redor também é um caminho para reconstruir identidades e fortalecer laços comunitários. Uma resultante que destacamos ocorreu durante a participação em uma exposição sobre mudanças climáticas com a instalação aqui já mencionada, *O poço das memórias*, uma obra que abordou o sentimento de pertencimento que os moradores nutriam em relação ao passado. Percebi o quanto este afeto passado estava profundamente enraizado no coração dos antigos moradores, convertendo-se num ponto de troca de experiências, conhecimentos e iniciativas. A intervenção gerou encontros e desejos de futuro. O que mais um artista pode querer com suas criações? Desde então, a obra tem circulado por diversas comunidades, catalisando essa conexão emocional e coletiva.

Tive também a oportunidade de explorar a pesquisa em um contexto escolar. Durante os seis meses em que lecionei Artes na Escola Municipal Tatiana Chagas Memória fui bem recebida com abertura e entusiasmo para a continuidade da proposta de ressignificação de espaços. Foi estimulante observar o engajamento dos estudantes e os resultados alcançados ao longo desse período. O apoio da gestão e a participação ativa dos professores tornaram a experiência ainda mais enriquecedora. Além de ampliar a relação dos estudantes com o fazer artístico.

O legado da experiência não foi visível apenas nos espaços transformados, mas também na maneira como os participantes falavam sobre plantio e reciclagem, e como se relacionam com o meio ambiente e consigo mesmos. O projeto demonstrou que a arte e o contato com a natureza podem ser instrumentos poderosos de educação ecológica, incentivando práticas sustentáveis e fortalecendo os laços comunitários. Como afirma Ernst Fischer (1959), “A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda, não só a suportá-la, como transformá-la” (p. 57). A produção artística, quando concebida para instigar e provocar o observador, torna-se um símbolo do tempo vivido, um testemunho de nossa presença ativa: reagindo, intervindo e transformando a realidade.

Antes do projeto, o Vidigal já possuía um parque ecológico, o Parque Sitiê, que, sem manutenção e investimentos, estava negligenciado e degradado, mas que atualmente tem recebido a atenção que merece, voltando a receber aportes financeiros. Intervir em uma ponta é chamar atenção na outra. Ação e reação se dão

espontaneamente. Nessa comunidade ainda há muitos espaços necessitando de atenção, mas, mesmo sem recursos, continuamos colaborando para a geração de alternativas, num trabalho que não se encerra com esta pesquisa, pelo contrário, está apenas começando e que exige – e exigirá – manutenção constante. A criação da horta comunitária na encosta do Vidigal, por exemplo, da qual participamos ativamente, permitiu que muitas famílias tivessem acesso a alimentos frescos, além de oferecer oportunidade de cultivá-los. Esse projeto contribuiu para redução da dependência de mercados, gerando economia financeira e segurança alimentar, além de fortalecer o senso de comunidade, ao incentivar a troca de saberes e a conexão entre os moradores. Como destaca Bill Mollison (1998), “Devemos mudar nossa filosofia, antes que qualquer outra coisa mude. Mudar a filosofia da competição para a filosofia da cooperação, em associações livres” (p. 200).

Apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito. A sustentabilidade das iniciativas depende de políticas públicas mais eficazes e do engajamento contínuo da população. A cidade é um bem comum, o direito à cidade deve ser garantido a todos os seus habitantes – presentes e futuros, permanentes e temporários, assegurando o acesso justo e inclusivo ao espaço para o habitar, usar, ocupar, produzir e governar de forma segura e sustentável. No entanto, essa realidade não se concretiza para a população das periferias. Esse direito é violado quando o estado se omite em determinadas áreas, onde a ausência de políticas públicas deixa o território à mercê do poder paralelo. É obvio, mas é preciso sempre mencionar, é fundamental investir em educação ambiental nas bases, nas escolas locais, formando uma nova geração de cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios do antropoceno.

Hoje, ao olhar para a trajetória percorrida, sinto que a pesquisa cumpriu seu papel ao provocar reflexões e gerar transformações concretas. O retorno ao Vidigal não foi apenas um movimento geográfico, mas uma jornada de reconexão e aprendizado. Cada horta implantada, cada arte produzida e cada conversa compartilhada reforçou a importância da coletividade na construção de um futuro mais justo e sustentável.

Assim, reafirmo que a ressignificação dos espaços urbanos não se limita à transformação física do território. Trata-se, sobretudo, de um processo de reconstrução simbólica e social, no qual a arte, o design e a permacultura funcionam como instrumentos de mudança. Nesse sentido, o Papa Francisco (2015) destaca:

3.42: É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família, pelo que deve fazer um inventário cuidadoso das espécies que alberga a fim de desenvolver programas e estratégias de proteção, cuidando com particular solicitude das espécies em vias de extinção (Francisco, 2015, p. 34).

Atualmente, no cenário político global, observa-se um movimento de retrocessos. Donald Trump retornou ao poder nos Estados Unidos, resultando na retirada do país de todos os acordos ambientais anteriormente assinados, incluindo o de Paris. Além disso, ameaças de sobretaxa a nações como China, Índia e Brasil, somadas a discursos sobre possíveis anexações territoriais, como no caso da Groelândia e o Panamá. Ainda acreditamos que dificilmente essas palavras se converterão em atos, porém, apenas a circulação de tais ideias normalizam absurdos, abrindo caminho para um futuro sombrio. Aqueles que lucram com a destruição ambiental, conflitos e constrangimentos diplomáticos não descansam, e a disseminação de desinformação serve apenas para justificar interesses econômicos de uma pequena elite, em detrimento do bem comum. Entretanto, quanto mais consciente for a população, mais difícil será a propagação de teorias infundadas que contribuem para a degradação ambiental e social. É para onde apontamos os ponteiros de nossas bússolas morais com nosso trabalho e esperanças.

O desafio continua e a resistência se torna mais urgente do que nunca. Se o cenário aponta para desafios, as soluções vêm do local para o global, reafirmando que o por vir pode ser regenerativo e inclusivo. Concluo, portanto, com a convicção de que iniciativas como esta são essenciais para o fortalecimento das periferias e na promoção de cidades mais inclusivas e sustentáveis, pois estamos comprometidos com a escuta, o trabalho e a resiliência.

O Vidigal, assim como tantas outras comunidades, possui um potencial imenso de resistência e criatividade. Acredito que, ao incentivar a educação ecológica e a expressão artística, estamos cultivando não apenas espaços, mas também um futuro mais consciente, solidário e belo.

Diante dos avanços e reflexões gerados por esta pesquisa, desejo aprofundar futuramente ainda mais meus estudos, explorando soluções sustentáveis para espaços educacionais, extraclasse e periféricos. O objetivo é expandir o impacto das

práticas desenvolvidas, conectando educação, arte, tecnologia e permacultura como instrumento de transformação social. Num exercício para mim mesma, deixo aqui registrado as direções que pretendo seguir:

1. Ampliar o projeto para outros territórios e escolas a metodologia, adaptando as iniciativas às particularidades de cada comunidade, promovendo a ressignificação de espaços negligenciados e fortalecendo redes de colaboração;
2. Criar um manual para a implementação do design comunitário e permacultura em espaços negligenciados, oferecendo um guia acessível que possa ser utilizado por educadores, moradores e gestores para a transformação sustentável de espaços urbanos e rurais;
3. Utilizar a arte e a tecnologia como ferramentas de Educação Ecológica, desenvolvendo abordagens interativas e participativas que estimulem a conscientização ambiental e a criatividade nos processos educativos;
4. Produzir artigos sobre a metodologia e os resultados alcançados, contribuindo para o debate acadêmico e inspirando novas práticas em diferentes contextos;
5. Realizar intervenções em espaços públicos, promovendo ações colaborativas que valorizem a identidade local, incentivem a apropriação positiva dos territórios e fortaleçam o vínculo entre moradores e seu ambiente;
6. Participação em editais e financiamento, garantindo recursos para a continuidade e expansão das iniciativas, possibilitando sua consolidação como modelo replicável em diversas comunidades.

Com essas direções, espero seguir contribuindo para a construção de cidades, onde a educação ecológica e o design social e arte possam florescer como agentes de mudança real e duradoura. Obrigada pela leitura!

Referências bibliográficas e bibliografia

ABRAMOVAY, R. **A era do Antropoceno**. [Entrevista concedida a] Marina Machado. Capital Natural, 16 de setembro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-Fl>. Acesso em: 19 out. 2022.

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

AGENDA RIO 2030: propostas por justiça econômica, racial, de gênero e climática. Rio de Janeiro, Associação Casa Fluminense, 2022. Disponível em: https://casafluminense.org.br/agenda-rio-2030/imagens/10_CASA_agendario2030_capa_miolo_B_vizualizacao.pdf > Acesso em: 25 mai. 2024.

AL-ASAD, M.; MEHROTRA, R. **Shaping cities**: emerging models of planning practice. Berlin: Hatje Cantz, 2017.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de Desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril de 2017.

ALMEIDA, A. S. A contribuição da extensão universitária para o desenvolvimento de Tecnologias Sociais. In **Tecnologia social e desenvolvimento sustentável**: contribuições da RTS para a formulação de uma política de estado de ciência, tecnologia e inovação. Brasília, DF: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010.

ALVARENGA, D. **O mundo está a caminho da recessão?** G1 – Economia. [s.l.], 07 de agosto de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/07/recessao-global-entenda-os-riscos-e-as-consequencias-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2022.

ARGAN, G. C. **A história na metodologia do projeto** - Revista Caramelo, n. 6. São Paulo: FAU/USP, 1992.

ARNHEIM, R. **Art and visual perception**: a psychology of the creative eye. Los Angeles: University of California Press, 1980.

ARNOLD, John E. **Creative Engineering – Promoting Innovation by Thinking Differently**, 1959, Journal of Individual Psychology – University of Texas Press.

AZEVEDO, J. O que é design sustentável e suas vantagens. **eCycle**. [s.l.] [s.d.]. Disponível em: < <https://www.ecycle.com.br/design-sustentavel/> > Acesso em: 13 out. 2023.

BARONE, T.; EISNER, E. **Arts based research**. Los Angeles: Sage Publications, 2012

BATISTA, F. N. **Projetando para a educação**: a participação do design em contextos pedagógicos. Departamento de Artes e Design. Orientador: Jackeline Lima Farbiarz. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/art/ART-Fernanda%20N.%20Batista.pdf >

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em < <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f503Y61UMJpWT25a>, Acesso em: 28 fev. 2025.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPITAL NATURAL. Marina Machado entrevista: O geógrafo Wagner Costa Ribeiro e economista Ricardo Abramovay, **A era do Antropoceno – Parte 1 e 2**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-EI> . Acesso em: 19 out. 2022.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária/RJ, 1982.

CIDADES MAIS SEGURAS. Habitat III. Nova Iorque. 31 de maio de 2015. Disponível em < http://habitat3.org/wp-content/uploads/3-Cidades-Mais-Seguras_final.pdf > Acesso em: 28 mar. 2023.

COUTO, R. O design social na PUC-Rio. In: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. **Eco visões projetuais pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

CUT/PE. **Saúde mental**: Brasil lidera lista de países com mais casos de ansiedade e depressão. 2022. Disponível em < <https://pe.cut.org.br/noticias/especial-os-impactos-da-depressao-e->

ansiedade-na-vida-da-classe-trabalhadora-1877 > Acesso em: 17 out. 2022.

ECHEVERRI, A. Medellín redraws its neighborhoods: social urbanism, 2004–11. In: AL-ASAD, M; MEHROTRA, R. **Shaping cities**: emerging models of planning practice. Berlin: Hatje Cantz, 2017.

EISNER, E. **A mente de criação artística**. Universidade de Yale/ New Haven & Londres, 2002.

FAJARDO, S. **Del miedo a la esperanza**. Medellín: Alcalde de Medellín, 2007.

FERREIRA, C. **Remoção do Vidigal**. [s.l], [s.d.]. Disponível em: <http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/?q=pt-br/file/1238>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FERREIRA, L. Comuna 13, em Medellín: uma história de transformação. **Janelas abertas**. Colômbia, 12 de março de 2019. Disponível em <https://janelasabertas.com/2019/03/12/comuna-13/>. Acesso em: 22 out. 2022.

FISCHER, E. **A necessidade da Arte**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1959.

FRANCISCO, S. P. Carta Encíclica – **Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf > Acesso em: 17 out. 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAETE, C. M. **130 lixões de Medellín são transformados em jardins públicos**, Arch Daily. 13 de março de 2017. Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/866885/130-lixoes-de-medellin-sao-transformados-em-jardins-publicos?ad_medium=gallery. Acesso em: 17 out. 2022.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan.1978.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUTERRES, A. **População mundial urbana até 2050**, UN-HABITAT, 2022. Disponível em < https://unhabitat.org/sites/default/files/2022/07/sg_foreword_wcr_2022.pdf > Acesso em: 12 jun. 2024.

IBGE, **Censo 2022 Vidigal**. Disponível em < <https://www.data.rio/apps/pop-info-censo-2022/explore>. Acesso em: 12xx jun. 2024.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JAUREGUI, J.; ECHEVERRI, A. **UIA2021RIO**: Jorge Jáuregui e Alejandro Echeverri debatem Arquitetura na Favela. CAU/BR, Brasília, 24 de março de 2021. Disponível em <https://www.cau.br.gov.br/uia2021rio-jorge-jauregui-e-alejandro-echeverri-debatem-arquitetura-na-favela/>. Acesso em: 19 out. 2022.

KELLERT, S.; CALABRESE, E. **A prática do Design Biofílico**. 2015. Disponível em https://biophilicdesign.umn.edu/sites/biophilic-net-positive.umn.edu/files/2021-09/2015_Kellert%20_The_Practice_of_Biophilic_Design.pdf

KELLERT, S. R.; WILSON, E. O.; MCVAY, S. **The biophilia hypothesis**. Washington D. C: Island. Press, 1993.

KRENAK, A.; CARELLI, R. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19 p. 20 - 28, abril, 2002.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020.

LEAVY, P. **Method meets art: arts-based research practice**. New York: Guilford Press, 2009.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro 2001.

LEITE, C.; AWAD, J. D. C. M. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes**: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman. 2012.

LEITE, C. **Guia de urbanismo social** (livro eletrônico) / organização.1. ed.- - São Paulo: BEI Editora: Núcleo de Urbanismo Social do Laboratório Arq. Futuro de Cidades do Insper e Diagonal, 2023. PDF. < https://arquivos.insper.edu.br/2023/Urbanismosocial/Guia%20de%20Urbanismo%20Social_2023.pdf > Acesso em: 15 set. 2023.

LERNER, J. **O Preconceito**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1997.

LOVELOCK, J. **A vingança de Gaia**. [Entrevista concedida a] Diogo Shelp. Revista Veja, [s.l.], 25 out. 2006. Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Claudio/A%20vingan%E7a%20de%20Gaia.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**, VOLUME 1. Produção Coppe/UFRJ Editora E-papers - RJ, 2008.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília, 1997.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília, 1998.

MELLIS, F. **Brasil consome 56,6 milhões de caixas de calmantes e soníferos**. R7 Saúde, [s.l.], 03 de julho de 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/brasil-consome-566-milhoes-de-caixas-de-calmantes-e-soniferos-03072019>. Acesso em: 19 out. 2022.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, **A Carta da Terra**. Brasília, 29 de junho de 2000. Disponível em: < <https://web.archive.org/web/20151031075647/http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra> > Acesso em: 25 mar. 2024.

MOLLISON, B. **Introdução à permacultura**. Apoio: PNFC, 1998.

NOVA AGENDA URBANA Habitat III. Quito, 20 de outubro de 2016. Disponível em < (<https://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>) > Acesso em: 14 mai. 2024.

ODS/GT. **Agenda 2030**. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/ods/>. Acesso em: 19 out. 2022.

OMS. **Relatório Mundial sobre saúde mental: transformando a saúde mental para todos**. Nova Iorque, 16 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ONG HORIZONTE. **Inauguração da nova sede com atendimento jurídico**. Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 2023. Disponível em: < <https://onghorizonterj.blogspot.com/2023/02/inauguracao-da-nova-sede-com.html> > Acesso em: 12 out. 2023.

PACTO PELAS CIDADES MAIS JUSTAS. **Urbanismo Social**. Disponível em <https://fundacaotidesetubal.org.br/tag/pacto-pelas-cidades-justas/> Acesso em: 19 out. 2022.

PAPANEK, V. **Diseñar para el mundo real: ecología humana y cambio social**. Barcelona: Polen Editions, 2014[1971].

PERNES, F. **Design de serviços para inovação social e sustentabilidade: um estudo sobre as hortas comunitárias no Rio de Janeiro** / Dissertação (mestrado). Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, 2019. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46572/46572.PDF> > Acesso em: 17 ago. 2023.

PONTOTEL. **Stakeholders**: o que é, quem são, como identificá-los e quais os impactos para a empresa? [s.l.], 25 de fevereiro de 2025. Disponível em: <

<https://www.pontotel.com.br/stakeholders/#:~:text=Os%20stakeholders%20s%C3%A3o%2C%20ent%C3%A3o%2C%20todos,e%20comunidade%2C%20chamados%20de%20externos> > . Acesso em: 15 out. 2023.

PETRÔNIO, R. **Bruno Latour**: entre Gaia e o antropoceno. Medium. [s.l.], 01 de novembro de 2020. Disponível em: <https://petronio.medium.com/bruno-latour-entre-gaia-e-o-antropoceno-f9348f1fa231>. Acesso em: 19 out. 2022.

PODER 360. **6 governadores do Rio foram afastados ou presos nos últimos 4 anos**. [s.l.], 28 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.poder360.com.br/brasil/6-governadores-do-rio-foram-afastados-ou-presos-nos-ultimos-4-anos/>. Acesso em: 19 out. 2022.

PROJETO MORRINHO. Disponível em: < <https://www.projetomorrinho.org/> >. Acesso em: 04 out. 2023.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

RIBEIRO, W. C. **A era do Antropoceno**. [Entrevista concedida a] Marina Machado. Canal Natural, 16 de setembro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=76gfeB1n-Fl>. Acesso em: 19 out. 2022.

SANTOS, M. **As cidadanias mutiladas**: “O preconceito”, 1996, IMESP/SP.

SANTOS, M. C. L. Introdução. In: SOUZA, P. F. A. **Design para inovação social**: perspectivas metodológicas e casos relevantes. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2021.

SECRETARIA DE SEGURANÇA CIDADÃ. **Prefeitura do Recife inicia construção do Compaz Ibura**. Recife, 18 de agosto de 2022. Disponível em: < <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/18/08/2022/prefeitura-do-recife-inicia-construcao-do-compaz-ibura> > Acesso em: 25 jun. 2024.

SENPLADES. **Plan Nacional para el Buen Vivir 2009-2013**: construyendo un Estado plurinacional e intercultural. Quito-Ecuador: SENPLADES, 2009.

SOUTO, L. Ela recuperou agrofloresta abandonada no Morro do Vidigal. **ECO A UOL**. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 2023. Disponível < <https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2023/09/06/moradora-recupera-agrofloresta-abandonada-que-ganhou-premio-internacional.htm?cmpid=copiaecola> > Acesso em: 25 jun. 2024.

STICKDORN, M; SCHNEIDER, J. **Isto é Design Thinking de Serviços**. Porto Alegre. Bookman, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Editora Difel, 1983.

VIDALE, G. Contato com a natureza traz benefícios para a saúde, comprova a ciência. **Revista Veja**, [s.l.], 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/contato-com-a-natureza-traz-beneficios-para-a-saude-comprova-a-ciencia/>. Acesso em: 19 out. 2022.

WALTHER, L.; DA COSTA, C. E. F. Wandering with Wonder: from social practices to artistic practices and back. In: SEREGINA, U.; BOSSCHE, A V D. (eds.). **Art-based research in the context of a global pandemic**. New York: Routledge, 2022. Disponível em: < <http://linda.dad.puc-rio.br/publicacoes/>. Acesso em: 19 out. 2022.

WILSON, E. **Biofilia**, Cambridge: Harvard University Press, 1984.

ZOOLOGIA FANTÁSTICA. **Conheça Chico Mendes**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: < <https://sites.google.com/uem.br/exposicaozoologiafantastica/entrada/protegendo-especies-magicas-e-reais/chico-mendes?pli=1> > Acesso em: 20 jan. 2023.

7 Apêndice

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN da PUC-Rio

ORIENTADOR: Carlos Eduardo Félix da Costa | E-mail: cadu@puc-rio.br

DOUTORANDA: Evânia de Paula Muniz | E-mail: ovilai@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Participante,

Meu nome é EVANIA DE PAULA MUNIZ e estou realizando a pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema "O design e o Bem Viver". Esta pesquisa compõe a minha tese de doutorado realizada na PUC-RJ, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS EDUARDO FELIX DA COSTA. As informações a seguir destinam-se a convidá-lo (a) a participar voluntariamente deste projeto na condição de fonte, ou seja, o sujeito que fornece as informações primárias para a pesquisa em curso. Esta é uma pesquisa realizada pelo Laboratório Interdisciplinar em Natureza Design & Arte da PUC-Rio.

O objetivo da pesquisa é compreender como Design pode contribuir de forma estratégica tornando o espaço ocioso ou negligenciado num espaço educador, dentro da comunidade do Vidigal/RJ.

Nesse sentido propomos a você a realização de uma conversa para responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto, com cerca de uma hora de duração, cujo conteúdo será utilizado como parte integrante da pesquisa. A conversa será gravada, se houver autorização do entrevistado(a), mas só poderá ser utilizada exclusivamente como material de base, ficando vetado qualquer outro uso de sua íntegra ou trechos para qualquer outro fim que não esteja relacionado à pesquisa acima mencionada. Todo o material gerado a partir das entrevistas será guardado em local seguro, pela pesquisadora Evânia de Paula Muniz, pelo prazo de 5 anos.

BENEFÍCIOS: A presente pesquisa busca contribuir para a aplicação do Design e da Arte como uma metodologia educativa para compreensão de necessidades pessoais e locais, que por motivos de primeira necessidade.

RISCOS: Ao participar desta pesquisa você poderá ser exposto há alguns riscos e desconfortos:

Departamento de Artes & Design
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. [21] 3527.1595



- Cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário;
- Desconforto ou constrangimento durante as gravações de áudio e vídeo das entrevistas;
- Constrangimento ou descontentamento com as análises que serão realizadas sobre o local;
- Outro risco inerente à pesquisa, é a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que de forma involuntária e não intencional. Por exemplo: perda ou roubo de documentos, computadores ou pen drive, e acesso de terceiros aos dados por meio de invasão digital.

Na eventualidade de qualquer dos riscos citados acima virem a acontecer, nos comprometemos a oferecer a possibilidade de remarcação e/ou interrupção das entrevistas. Caso o desconforto seja irremediável há a possibilidade até mesmo da exclusão do material do entrevistado na elaboração da dos resultados da pesquisa.

Reiteramos que durante a aplicação da entrevista, a pesquisadora não irá incentivar atividades que possam levar a algum destes riscos. Serão adotados os procedimentos para resguardar a identidade dos voluntários.

DESPESAS: A participação é isenta de despesas;

RESSARCIMENTO: Os entrevistados nessa pesquisa não serão remunerados por essa participação.

Para participar deste estudo você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Enquanto pesquisadora, me comprometo a tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, garantindo a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Obrigada por sua valiosa colaboração!

Evânia de Paula Muniz - ovilai@gmail.com

OBS 1: Qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, dos resultados e/ou de assuntos relacionados à pesquisa será esclarecida pela pesquisadora Evânia de Paula Muniz e/ou por seu orientador Carlos Eduardo Félix da Costa, através dos e-mails: ovilai@gmail.com (pesquisadora) e cadu@puc-rio.br (orientador).



OBS 2: A Câmara de Ética pode sanar as questões éticas relativas ao projeto, uma vez que as dúvidas em geral serão respondidas pelos pesquisadores. A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio é a instância da Universidade que tem por atribuição analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa de seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Rua Marquês de São Vicente 225, Edifício Kennedy, 2º. andar – Gávea – CEP 22 453-900 - Rio de Janeiro, RJ.TEL. (21) 35271618.

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento, especificados nesse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Evânia de Paula Muniz e a seu orientador Carlos Eduardo Félix da Costa, do projeto de pesquisa intitulado "O Design e o Bem Viver", a utilizar o material a ser gravado sem qualquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Os dados coletados pelas entrevistas são única e exclusivamente para esta pesquisa em questão, os resultados obtidos pelo levantamento é que podem ser usados em outras publicações, congressos, revistas especializadas além da tese do doutorado; preservando sempre a identidade dos participantes.

Rio de Janeiro

(Nome do participante)

Evânia de Paula Muniz



CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio

Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 25-2023 – Protocolo 10-2023

Proposta: SGO 457686

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: "O Design e o Bem Viver: ressignificando espaços na comunidade do Vidigal/RJ" (Departamento de Artes e Design da PUC-Rio)

Autora: Evânia de Paula Muniz (Doutoranda do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio)

Orientador: Carlos Eduardo Félix da Costa (Professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa qualitativa, descritiva, aplicada, característica de pesquisa-ação que visa oferecer soluções que incrementarão o sentimento de pertencimento e a auto-estima, através de atividades coletivas de ocupação e ressignificação de espaços ociosos ou marginalizados na comunidade do Vidigal/RJ. Estudo a ser desenvolvido em parceria com a Associação Esportiva e Cultural Horizonte. Utilizará a jardinagem e a agricultura urbana em pequenos espaços como principais plataformas para o desenvolvimento da pesquisa. Prevê a aplicação de entrevista semiestruturada junto aos moradores locais da comunidade. Tem como suporte conceitual o Design Biofílico e as abordagens do Design Social.

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo expõe com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garante o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informa sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado.

Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio

Coordenadora da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de março de 2023

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPg/PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
e-mail: etac@puc-rio.br